

PONTIFICIA UNIVERSITAS URBANIANA
Instituto Superior de Catequese e Espiritualidade Missionária (ISCSM)

“REDEMPTORIS MISSIO”
Sessão de Catequese

AUDIOVISUAL E CATEQUESE

SILVA ALMEIDA Edivânia

Tese de Licenciatura em Ciências Religiosas

Moderador: Prof. PIGHIN Claudio

Co-relator: Prof. BOLLIN Antonio

ROMA – 2001

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo, por ter-me oferecido a possibilidade de conhecer melhor o seu mistério de amor e a profunda comunicação, relação de amor que existe entre eles, convidando-me a entrar no círculo e beber do mesmo poço.

Aos meus pais, que desde a minha concepção, manifestaram o amor da Trindade para comigo, e me ensinaram o amor, o diálogo, o como relacionar-me com Deus e com os irmãos. Por ter-me feito crescer em uma família cristã.

A Família Religiosa, “*Filhas da Igreja*”, lugar concreto do meu crescimento no conhecimento de Deus e do seu mistério, por ter-me dado a possibilidade de fazer este curso no qual descobri que a comunidade religiosa é lugar em que se podem estabelecer verdadeiras relações da comunicação de fé e de vida, na comunicação interpessoal e comunitária, tendo como modelo da comunicação a Trindade. Quero destacar as duas comunidades que compartilharam comigo esta experiência *Domus Aurea e Speculum Justitiae*, oferecendo-me apoio, tempo e incentivo.

A *Propaganda Fide* pela bolsa de estudos e a Pontifícia Universidade Urbaniana, por ter proporcionado tudo para o estudo, ambientes, biblioteca e o material para o aprofundamento; como também o espírito de família que se respira na universidade nos ajudou e proporcionou estabelecer relações humanas com os docentes, e sobretudo, por ter vivido uma experiência eclesial.

O meu agradecimento a todos os professores do Instituto Superior de Catequese e Espiritualidade Missionária, que nesses quatro anos contribuíram para o nosso bom êxito nos estudos.

Um agradecimento especial ao Prof. Padre Cláudio Pighin, o qual foi o meu professor e moderador da tese final, pela sua dedicação, paciência mas sobretudo pela sua competência na área da comunicação, à qual me incentivou a aprofundar sobre o tema; estabelecendo assim uma comunicação verdadeira que edifica e incentiva a todos os evangelizadores a comunicar melhor a mensagem do Cristo.

A todos os amigos e aos colegas que juntos caminharam nesta missão. Àqueles que contribuíram diretamente para que tudo concluísse bem que com carinho e dedicação me ajudaram a vencer. Ao Antônio da Biblioteca da PUU e ao P. Gianetto da acolhida e contribuição no material da catequética da Universidade Pontifícia Salesiana. Que A Trindade Santa recompense a cada um e a todos.

“A cultura eclesial da alegria pode salvar a cultura da distração dos meios de comunicação do tornar-se fuga sem alma da verdade e da responsabilidade; os meios de comunicação social podem ajudar a Igreja a compreender melhor como comunicar com as pessoas de modo atraente e por fim agradável. Estes são somente alguns exemplos de como uma mais estreita cooperação em espírito de amizade e a um nível mais profundo, possa ajudar a Igreja e os meios de comunicação social a serviço dos homens e das mulheres do nosso tempo na busca de sentido e na realização de si”.¹

INTRODUÇÃO

Desde 1989 me fascina o estudo e a reflexão sobre a comunicação, por descobrir a riqueza que há neste campo vasto e desafiador. *“Evangelização é*

¹ JOÃO PAULO II, *“Mass Media: Presença amiga perto de quem esta na procura do Pai”*, Mensagem pela XXXIII Dia Mundial das Comunicações Sociais, Libreria Editrice Vaticana, Cidade do Vaticano, 1999, n. 3.

COMUNICAÇÃO” (Puebla 1063). “*Catequizar é COMUNICAR*”, nos diz o documento de *Catequese Renovada*; comunicar é amar e quem ama comunica. Portanto o amor pela catequese e pela comunicação foram crescendo dentro de mim aos poucos e sinto o quanto estava longe de toda essa realidade.

Formar-se para formar, foi o que me impulsionou a aprofundar sobre este tema: *Audiovisual e Catequese*. É a resposta a tantas inquietações que me interpelam na evangelização, sobretudo na catequese (das crianças, adolescentes e jovens); na liturgia e nas comunidades onde a maioria são pessoas que não tiveram a possibilidade de estudar e aprofundar como estou fazendo agora. Percebi que na área da comunicação requer maior atenção sobretudo na formação dos agentes, catequistas, religiosas e nos seminários, sobre este tema.

Cresceu em mim a certeza que para comunicar necessito não só da comunicação verbal, mas descobrir que todo o meu ser é comunicação, o meu ser comunica, através do corpo, da voz quando canto e falo, quando toco violão transmito para os outros o que sou e a mensagem através do ritmo e das vibrações das cordas.

Essa consciência foi crescendo aos poucos e me colocou em crise quando me deparei com os meus limites na comunicação, seja na linguagem, seja no saber usar os meios audiovisuais.

A estrutura do presente trabalho foi desenvolvido em quatro capítulos, e mais uma introdução e uma conclusão; procurando dar razões aos meios de comunicação, destacando o Audiovisual na Catequese.

No primeiro capítulo, procuro dar as motivações desta escolha, mostrando as dificuldades e os desafios que encontramos na pastoral diante

dos meios por não ter uma preparação ideal mas também por não saber utilizar os meios por falta de preparação e formação dos mesmos.

No segundo capítulo mostro a importância do audiovisual na catequese e algumas formas de linguagens que poderiam ser mais usadas na catequese e na evangelização, para tornar viva, eficaz e fascinante a mensagem do Evangelho, transmitido para o homem do nosso tempo.

No terceiro capítulo apresento alguns documentos da Igreja Católica, colocando em destaque o decreto *Inter Mirifica*; na América Latina e na realidade brasileira, que tratam da importância dos Meios de Comunicação Social na Evangelização e na Catequese.

No quarto capítulo tento aplicar esta comunicação em realidades concretas na catequese; na relação direta que estabelece com as pessoas, no fazer uma catequese que comunique vida e possa atingir a vida de quem participa.

Consciente que o mundo da comunicação é muito vasto e complexo, reconheço que o trabalho contém muitos limites e falhas, mas foi gratificante e enriquecedor trabalhar sobre este tema. Agora tenho mais convicção que posso iniciar estudar; trabalhando e aprofundando, descobrir o quanto estou distante desta realidade percebo a urgência de conhecer o mundo da comunicação e o seu processo para melhor testemunhar a Boa Nova.

CAPÍTULO I

A ESCOLHA

1. O por quê da escolha

-

A escolha do tema sobre a catequese e comunicação nasceu da necessidade de uma evangelização através dos meios de comunicação social (MCS), em específico o audiovisual; já desde 1989, quando a CF (Campanha da Fraternidade) no Brasil escolheu como tema: “A comunicação e a Fraternidade” e como lema” *Comunicação para a verdade e a paz*”.²

Uma CF sobre a comunicação, constituiu um particular desafio à nossa criatividade. Desafio a rever nossa vida de comunhão, a refazer nossos processos de comunicação, a inovar o uso das técnicas e a marcar presença nos meios de comunicação.

² CF, o que è ? Desde 1964, que a CF foi realizada em âmbito Nacional. Hoje todas as dioceses do Brasil realizam a CF. É uma campanha, porque se realiza num período terminado, com atividade específica de formação, de consciência e mobilização. Fraternidade, porque “caritas” significa caridade, amor, fraternidade, para o atendimento das pessoas atingidas por catástrofes, em situações de emergência e urgência, pobreza absoluta. Realizado inicialmente no período da quaresma, como um meio de melhor se viver esse período e sobretudo de colocar em prática a mensagem de conversão e penitência. A CF é um dom dos preciosos dons com que Deus agraciou a Igreja no Brasil. E um momento privilegiado de evangelização, catequese e exercício autêntico de uma pastoral de conjunto. Os meses temáticos: agosto (vocações), setembro (Bíblia), outubro (missões), e a novena do Padroeiro(a) do Natal sintonizam com o tema da CF. CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. CNBB, *Comunicação para a verdade e a paz*, Texto-base da *Campanha da Fraternidade 1989*, Editora Salesiana, São Paulo, 1989, p. 5.

A Igreja “impelida pela necessidade de evangelizar, considera como sua obrigação pregar a mensagem de salvação com o recurso também dos instrumentos de comunicação social, e ensinar aos homens o seu reto uso”.³

No uso dos meios de comunicação social, se requer dos catequistas e dos agentes de pastoral, um compromisso consciente, competente e qualificado com uma contínua atualização.⁴

A CF, foi a primeira iniciativa pastoral que, a nível nacional, fez uso dos grandes meios de comunicação. No tema do ano 1989 ela reencontra uma das suas intuições originais: anunciar para além das comunidades e sobre os telhados para que toda a sociedade escute a Boa Nova da Salvação.⁵

Enquanto agente de pastoral, religiosa e catequista despertou em mim sobretudo o interesse na área da catequese. Comunicar é tornar comum uma experiência, através de sons, imagens, gestos e olhares, do corpo que traduzam para o outro a minha experiência pessoal e comunitária. O catequista “como bom comunicador”, não fala sozinho. Ele desperta e provoca a palavra dos membros da comunidade, dedica-se de modo específico ao serviço da Palavra, tornando-se porta-voz da experiência cristã de toda a comunidade.⁶

“Catequizar é comunicar” e por isso o catequista é aquele que comunica mediante o testemunho, a palavra e o culto. A comunicação autenticamente evangélica supõe uma experiência de vida na fé e de fé capaz de chegar ao

³Cf. DECRETO CONCILIAR *Inter Mirifica*, sobre os meios de comunicação Social, Vozes, Petrópolis, 1988, n. 3.

⁴Cf. CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, *Diretório Geral para a Catequese*, Libreria Editrice Vaticana, Città del Vaticano, 1997, n. 161 e Cf. SACRA CONGREGAZIONE PER IL CLERO, *Direttorio Generale per la Catechesi*, LDC, Torino 1971, n. 122.

⁵Cf. D. BOIN-S.V. QUEROZ, Apresentação do Texto-base da *Campanha da Fraternidade*, 1989, op. cit. p. 5.

⁶CNBB, *Catequese Renovada*, Paulinas, São Paulo, 1983, n. 147.

coração daquele que se catequiza.⁷ Catequizar na era da explosão tecnológica da comunicação é um desafio grande para a Igreja e para os catequizadores.

Como agentes de pastorais temos que promover, incentivar, mas sobretudo conscientizar, para que a evangelização passe através da *Mídia*, (palavra inglesa “media”). Significa meio e designa os Meios ou conjunto dos Meios de Comunicação: mídia impressa (jornais, revistas, folhetos, cartazes) mídia eletrônica (rádio, cinema, televisão), da informática e da tecnologia do nosso tempo e que como Igreja podemos utilizar mais e melhor os Meios de Comunicação Social. Já se tem dado passos, mais ainda estamos distante desta grande máquina que é a *Mídia*, como conhecimento e o seu uso mais adequado. Eis o por quê desta escolha: formar-se para formar.

A Igreja, é portadora do Protótipo da Comunicação: a “*Trindade*” tem como *porta voz* direta o Cristo.” É Jesus que com sua vida, morte e ressurreição destrói o grande “ruído” na comunicação com Deus e com os irmãos.⁸ É Ele que restabelece a relação entre Deus e a humanidade e vice-versa; por isso no Novo Testamento é chamado “Mediador entre Deus e os homens” (1Tim 2,5).

Cristo é a perfeita comunicação do Pai, a Palavra plena, o Verbo feito carne: “No principio era o Verbo e o Verbo estava com Deus e o Verbo era Deus. E o verbo se fez carne e habitou entre nós (cf. Jo 1,1-14)”.⁹ Ele, encarnando-se assumiu toda a realidade do homem, fez-se solidário e assim torna-se o perfeito Comunicador do Pai para toda a humanidade.

“Verdadeiro Deus e verdadeiro homem” Jesus é, ao mesmo tempo, emissor e receptor da comunicação de Deus à humanidade e desta a Deus. E

⁷*Idem*, n. 147.

⁸Cf. CNBB, Texto-base da *Campanha da Fraternidade* 1989, op. cit. n. 90.

⁹*Idem*, n. 88.

com isso é também o canal e a mensagem: “Eu sou o caminho a verdade e a vida”: o caminho “*canal*”, a verdade “*mensagem*”, a vida “*emissor*” de si ao Pai e aos irmãos, e com isto, comunicação do Pai à humanidade (cf. Jo 14,6).¹⁰ Nas relações interpessoais temos que redescobrir o valor do outro, favorecendo e promovendo suas qualidades e capacidades de se relacionar consigo mesmo, com os outros e com Deus. Logo, podemos dizer que:

“Reconstruir o valor das relações interpessoais para promover sua qualidade significa dar uma contribuição à descoberta da relação entre o homem e Deus e as modalidades dessa relação: Palavra – Chamado – Escuta – Resposta - Revelação.

Os termos - chaves que constituem a narração da história da salvação são, de fato, os mesmos que narram as condições do relacionamento entre pessoa e pessoa, e todas as dificuldades que o homem opõe à comunicação com Deus são as mesmas que ele experimenta com seu semblante (silêncio, indiferença, falta de escuta, rejeição, fechamento).

Provocar mais atenção sobre as condições da comunicação torna-se assim, um exercício prévio para se passar de uma maior consciência de si mesmo e dos outros à consciência de como Deus nos pensou e de como Ele mesmo é. Deus é relação, comunicação, família, Trindade e não solidão. Ele nos projetou como Ele é: relação com o outro, integração, comunhão, parceria, complementação”.^{11[11]} “E Deus criou o homem à sua imagem; à imagem de Deus Ele o criou; homem e mulher Ele os criou” (Gn 1,27)

É necessário preparar e formar evangelizadores, catequistas para esse novo desafio na missão. Como nos diz o magistério da Igreja: “Não basta, portanto, usar os meios de comunicação para propagar a mensagem cristã e o

¹⁰ *Idem*, n. 91

¹¹ Rossana CARMAGNANI – Mario DANIELI, *Ser para o outro*, Loyola, São Paulo, Brasil, 1993, p. 26. (Texto original: *Uomini per gli altri*, ESUR) –(Messina, Italia, 1990).

magistério da Igreja, mas requer integrar a mensagem nesta “nova cultura” criada pela comunicação moderna”.¹²

Sobre a evangelização através dos Meios de Comunicação Social (MCS), os bispos do Brasil, nos ensinam que:

“A modernidade dispõe de um poder de expansão como nenhuma cultura antes dela: o próprio instrumental tecnológico, a INFORMÁTICA e os grandes MEIOS DE COMUNICAÇÃO. Através deles, a modernidade se sobrepõe à cultura popular e às culturas das diversas etnias que podem ser perturbadas e até absorvidas pela avalanche da cultura moderna”.

Ainda falando dos desafios que eles constituem para a evangelização diz:

*“Eles tem, e terão mais ainda, um grande poder de influencia sobre toda a população. [...] A Igreja precisa contribuir para a formação ética dos profissionais dessa área e lançar mão desses meios de comunicação a serviço do Evangelho. Ao mesmo tempo, precisa conscientizar os fiéis sobre os perigos de uma entrega passiva à avalanche de comunicações que se oriente prevalentemente por critérios de rentabilidade e tendem a destruir os valores morais”.*¹³

Este tema é atualíssimo e é de muita importância; sobretudo na catequese renovada, torna-se indispensável o uso dos meios. A Igreja é chamada a preparar novos catequistas com uma formação sólida e comunicadora. Capacitados, procurando conhecer esta grande engrenagem que é o mundo da comunicação, com sua linguagem, estratégia e técnica.

Quando comunicamos temos sempre de nos perguntar: Quem é o meu destinatário? Devemos ter uma atenção para com os nossos interlocutores.

“Para cada destinatário em sua situação, requer do emitente uma linguagem

¹²JOÃO PAULO II, Carta Encíclica *Redemptoris Missio*, sobre a validade permanente do mandato missionário, Libreria Editrice Vaticana, Cidade do Vaticano, 1990, n. 37.

¹³CNBB, *Igreja Comunhão e Missão* na evangelização dos povos, no mundo do trabalho, da política e da cultura, Paulinas, São Paulo, 1988, nn. 243-244.

acessível a ele".¹⁴ Assim sendo, este é um convite ao evangelizador e catequista, conhecer a realidade das pessoas às quais é chamado a entrar em comunicação. Deste modo ele poderá estabelecer e favorecer uma relação interpessoal, antes de semear a mensagem do Cristo. Grande desafio em nossos dias, o diálogo, e a relação interpessoal, a relação com os outros.

O ser humano é um ser em relação e para a relação com si mesmo, com Deus e com os outros. Nesta relação – comunicação, nosso primeiro objetivo é aquele de realizar-nos como pessoa.¹⁵ Um dos fatores pelo qual a pessoa se realiza, é a comunicação, a qual pode ser expressada com o próprio corpo. “*A pessoa não tem um corpo, mas é corpo*”.¹⁶ O corpo tem a sua linguagem e através de gestos expressam o sentimento, todo o ser. Quando falarmos da comunicação através do corpo, será desenvolvido melhor este tema.

Portanto, o catequista é chamado a perceber toda a pessoa do catequizando. Ele deve ser capaz de captar todas as mensagens que o outro revela na relação interpessoal para comunicar, a qual, exige um processo e uma linguagem, adaptando-se aos destinatários nas diferentes realidades. Para isso, temos que usar uma linguagem de fé, clara e que parta da realidade concreta na qual eles se encontram. A este tipo de linguagem chamo comunicação de contato.

Diante deste desafio, é necessário adquirir técnicas necessárias para poder comunicar a mensagem do Evangelho. Me pergunto: como é possível transmitir a mensagem, comunicar o Cristo quando o avanço tecnológico substitui o ser humano pela imagem?

¹⁴José FERNANDES DE OLIVEIRA (Pe. Zezinho), em *A experiência de Comunicar*, série: (*ESTUDOS COMEP: Comunicação* Edições Paulinas, Audio-Vídeo, São Paulo).

¹⁵Cf. Claudio PIGHIN, *Missione e Comunicazione*, EMI, Bologna, 1998, p. 9.

¹⁶Rossana CARMAGNANI – Mario DANIELI, op. cit. p. 18.

O tema foi escolhido por ser atual, desafiador, pouco conhecido e mal utilizado, sobretudo em algumas realidades quando não há preparação. É papel da Igreja investir mais na formação para uma eficaz comunicação. Entre os recursos que devemos dispor e desenvolver a serviço da Catequese estão os modernos meios de comunicações grupais: audiovisuais, dinâmicas, técnicas para reprodução e multiplicação de documentos. Além disso os recursos da cultura popular: música, canto, desenho, teatro, cordel, literatura e outros.^{17[17]}

Temos que ter uma consciência crítica e aberta diante dos MCS. É uma exigência do Evangelho conhecê-los para utilizá-los bem. Esta é a missão da Igreja diante destes grandes meios, que têm o seu lado positivo e negativo, para a sociedade e para a comunidade cristã.

Outro aspecto é o fator da mensagem do Evangelho. Transmitir a mensagem, para tocar os corações do homem e da mulher do mundo contemporâneo e pós-moderno, no qual grita mais alto a era da informática com todos os avanços da tecnologia que penetrou e transformou a vida humana. Dentro deste processo evolutivo, corre-se o risco do isolamento, da indiferença. É outro desafio social e eclesial.

Para isso é necessário individuar na comunicação “*códigos comuns*” ou seja: sinais, gestos, línguas, partilhados entre o comunicador = “*emissor*” e o “*receptor*”.¹⁸

¹⁷Cf. CNBB, *Catequese Renovada* op.cit. n. 127; e Cf. CELAM/PUEBLA. *Evangelização no presente e no futuro da América Latina – Conclusões da III Conferencia do Episcopado Latino Americano*. Puebla - México, 1979. Vozes, Petrópolis, 1980, n. 1090.

¹⁸Cf. Claudio PIGHIN, op. cit. p.15; e Cf. Texto-base da *Campanha da Fraternidade*, 1989, op. cit. n. 91.

Mas a catequese, tem como missão transmitir a mensagem de Cristo por meio de uma linguagem clara do Creio como nos diz João Paulo II em *Catechesi Tradendae*

“A catequese não poderia admitir nenhuma linguagem que, sob qualquer pretexto que fosse, mesmo pretensamente científico, tivesse como resultado desnaturar o conteúdo do Credo. E não convém, em nenhuma hipótese, uma linguagem que engane e que seduza. A lei suprema, pelo contrário, é esta: que os grandes progressos na ciência da linguagem não de poder ser ao serviço da catequese, afim de que esta esteja verdadeiramente em condições de “dizer” ou de “comunicar” aos adolescentes, aos jovens e aos adultos de hoje todo o conteúdo doutrinal de sempre, sem deformações”.^{19[19]}

Diante desta problemática, como posso maravilhar, vendo que os MCS podem ser usados para o bem, por quê não para o Bem Maior: Cristo, Verdadeiro Comunicador do Pai ?

1.1. O que é o audiovisual?

Audiovisual: Qualquer comunicação destinada simultaneamente aos sentidos da audição e da visão. Veículo caracterizado pela apresentação simultânea e sincronizada de uma seqüência de slides de uma fita magnética .

Uma característica significativa da comunicação atual reside em seu caráter audiovisual. Sua novidade está ligada aos meios eletrônicos nos quais se sustenta. O que permite registrar e conservar as mensagens, difundí-las e multiplicar até os extremos de suas possibilidades de recepção. Neste sentido, a comunicação audiovisual goza de todos os benefícios.

¹⁹JOÃO PAULO II, Exortação Apostólica *Catequese Tradendae*, sobre a Catequese no nosso tempo, 16 de outubro 1979, Editrice Libreria Vaticana, Città del Vaticano, 1979, n. 59.

“*Uma imagem vale mais que mil palavras*”, diz um antigo refrão o qual é um indicador da eficácia comunicativa que se atribui plenamente à expressão icônica sobre a verbal por exemplo:

- a) a) Um novo modelo cultural (toda a realidade de quem fica horas e horas diante da televisão). Sabemos o quanto a visão influencia no nosso ser. Essa fragmentação que sofre quem permanece muito tempo sobretudo diante da televisão, perde a própria identidade pois começa a pensar, agir, se relacionar, se comportar como diz a televisão.

“Depois do acontecimento do controle remoto o ser humano ficou fragmentado: passa continuamente de um canal para o outro por insatisfação o por curiosidade de seguir vários programas contemporaneamente rompe aquela lógica que é característica da época de Gutenberg. Eis então a linguagem sobretudo juvenil feito de slogan, símbolos, gestos”.^{20[20]}

- b) b) Uma linguagem completa, consiste em um sistema de sinais portadores de significados. Certamente a imagem e o som são os principais elementos constitutivos da linguagem audiovisual. Se diferenciam da linguagem verbal ou escrita, como é o caso da linguagem do corpo que se expressa não com palavras, mas com gestos ou movimentos potencialmente comunicativos.

O Audiovisual, é uma mistura de linguagens que se atuam conjuntamente e se completam: “*uma forma particular de comunicação, redigida por regras*

²⁰Claudio PIGHIN, *Missione e Comunicazione*, op. cit. pp. 55-56.

originais que acontece com o resultado de uma utilização simultânea e combinada de documentos sonoros e visuais variados”.^{21[21]}

1.2. Por que o audiovisual?

?? ? Por ser um meio que alcança uma grande realidade brasileira.

Para que a mensagem chegue a todo ser humano, não basta, o uso da comunicação verbal, é também indispensável aquela visual: imagens em movimentos, fotos, sons, cores, expressões do corpo, música, dança e o silêncio.

?? ? Por não ser um produto pronto, mas posso usá-lo como instrumento, como meio e não como fim.

?? ? Por criar o próprio vídeo-catequético, com temas, músicas, danças, gestos e mensagens verbais ou somente com imagens da realidade concreta dos catequizandos.

?? ? Por ser uma visão participativa, na qual pode existir: diálogo, partilha por parte de quem vê.

Um das motivações fortes é a possibilidade que se tem hoje de catequizar com esses meios, sendo “fiel a Deus e ao homem”, na sua evolução e no seu crescimento global.^{22[22]}

Para entrar neste tema me pergunto:

Como a catequese poderia ser mais comunicativa?

²¹Pierre BABIN, *Nuevos modos de comprender*, SM, Madrid 1986, p. 32. E veja também Maximiano ESCALERE FERNANDEZ, *A Comunicação Audiovisual* in *Nuevo Diccionario de Catequética* a cura de: V. Ma. PEDROSA, Ma. NAVARRO, R. LAZARAO, J. SASTRE, Vol. I, San Pablo, Madrid, 1999, pp. 459-475.

²²Cf. CR 78, op. cit. e CT 52, 53 e 55, op. cit.

Para que a catequese possa comunicar com eficácia a mensagem de Cristo, essa deve usar uma linguagem adequada, ou seja, atingir de cheio o destinatário, procurando tocá-lo no coração com exemplos de vida no ambiente vivido.

1.3. Comunicação e Catequese

A comunicação na catequese é um elemento fundamental. Não como simples instrumento, mas como forma de linguagem, de escutar, comunicar, conhecer, respeitar o modo de ser de cada pessoa.^{23[23]}

O primeiro critério para você começar um processo de comunicação, é o objetivo; a comunicação se caracteriza pela intenção que se tem e pelo resultado que se espera. O segundo é a eficácia da linguagem e o terceiro é a participação.^{24[24]}

Deus é o primeiro comunicador: é um ser operante que nos comunica a sua vida. Nos comunica Ele mesmo por meio de Cristo que aderiu ao projeto do Pai encarnando-se revelou-nos o grande amor por cada criatura.

Desde as primeiras paginas da Bíblia, Deus comunica conosco. A comunicação da Trindade se estende a todas as criaturas que Deus criou à sua imagem e semelhança. O jeito e os meios de comunicação com os seres humanos são vários. Ele fala com gestos e palavras.

“Mediante esta revelação, portanto, o Deus invisível (cf. Col 1,15; 1Tim 1,17), levado por Seu grande amor, fala aos homens como a amigos (Cf. Ex 33,11; Jo 15,14-15), e com eles se entretém (Cf. Bar 3,38) para os convidar à

²³Cf. Documento da CNBB, *Comissão de Catequese do Regional Leste 2*, em “Revista de Catequese”, n. 84 (1998), pp. 35-36.

²⁴Cf. CNBB, *Texto-base da CF 1989*, op. cit. p. 322.

comunhão consigo e nela os receber. Este plano de revelação se concretiza através de acontecimentos e palavras intimamente conexos entre si, de forma que as obras realizadas por Deus na História da Salvação manifestam e corroboram os ensinamentos e as realidades significadas pelas palavras”.^{25[25]}

E dá a vida não com palavras, mas se imolando na cruz.

Para comunicar é necessário conhecer bem a linguagem, que haja um código comum, requer recursos, investimentos. “*Falar não quer dizer essencialmente comunicar*”. Na nossa comunicação devemos referir-nos sempre a Cristo Comunicador de vida e de amor. Portanto requer uma certa prioridade em transmitir a mensagem, utilizando os meios necessários. Neste caso o conhecimento é essencial para que a mensagem seja acolhida.

O termo catequese sofreu uma evolução durante vinte séculos de história da Igreja. O conceito de catequese é visto como escola da fé, seja pelos Diretórios da Catequese de 1971 e 1997, como já bem antes pós *Catechesi Tradendae*.

A catequese visa promover a comunhão com Jesus Cristo e o conhecimento da verdade do Mistério de Cristo. Mas tem uma finalidade bem definida que é favorecer uma *viva, explicita e operosa profissão de fé*.^{26[26]}

A concepção que se tem da catequese condiciona profundamente a seleção e a organização dos seus conteúdos (cognitivos, experiências e comportamentais, precisa os seus destinatários e define a pedagogia que se exige para alcançar os seus objetivos (n. 82). Faz amadurecer a conversão inicial, até fazer dela uma viva explicita e operativa confissão de fé:

²⁵Cf. COMPÊNDIO DO CONCILIO VATICANO II, Constituição dogmática, *Dei Verbum*, sobre a Revelação Divina, Editora Vozes, Petrópolis 1977, n. 2.

²⁶Cf. CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, *Diretório Geral para a Catequese*, op. cit. n. 78. e CR, op. cit. n. 14

“A catequese tem a sua origem na confissão de fé e leva à confissão de fé”.^{27[27]}

O Diretório Geral para a Catequese (DGC), apresenta a natureza, a finalidade e as tarefas da catequese: a *natureza*, é essencialmente Eclesial;^{28[28]} a *finalidade*, é aquela de favorecer a comunhão íntima com Jesus Cristo (n. 80) (CT 5, Cf. CIC 246, AG 14a); *tarefas* da Catequese são aquelas que favorecem o crescimento da fé; a educação litúrgica; a formação moral; ensinar a rezar (n. 85) e outras como: a educação para a vida comunitária; a iniciação à missão (n.86).

Novos tempos interpelam nossa catequese neste novo milênio. E a catequese é chamada a dar a sua contribuição. Não devemos temer as novas técnicas e metodologias, mas devemos conhecê-las para utilizá-la bem. É dever da catequese preparar as pessoas para essa nova missão. Já Medellín, Puebla e Catequese Renovada, insistiram e insistem na mudança do método, mas a prática deixa muito a desejar.

A palavra comunicação se encontra por todos os lados. Está na moda. Exemplo: televisão, telefone, os satélites, os canais de difusão e a internet. Em qualquer momento e lugar, podemos ser informados de todos os acontecimentos que acontecem no mundo. As novas tecnologias produzem a imagem de um mundo cada vez mais complexo. Os produtos individuais, as telecomunicações, a informática, a proliferação de mensagens que se

²⁷SINODO DOS BISPOS, Mensagem ao Povo de Deus *Cum iam ad exitum* sobre a catequese no nosso tempo (28 de outubro de 1977), Typis Polyglottis Vaticanis 1977, n. 8, e Cf. Catechismo della Chiesa Cattolica, 11 ottobre 1992, Libreria Editrice Vaticana, Città del Vaticano, 1992, nn. 185-187.

²⁸Cf. PAULO VI, Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi*, Evangelho aos Homens de hoje, Editorial AO. – Braga – Portugal, 1983. n. 60 e Cf. I Parte do primeiro capítulo de DGC, op. cit.

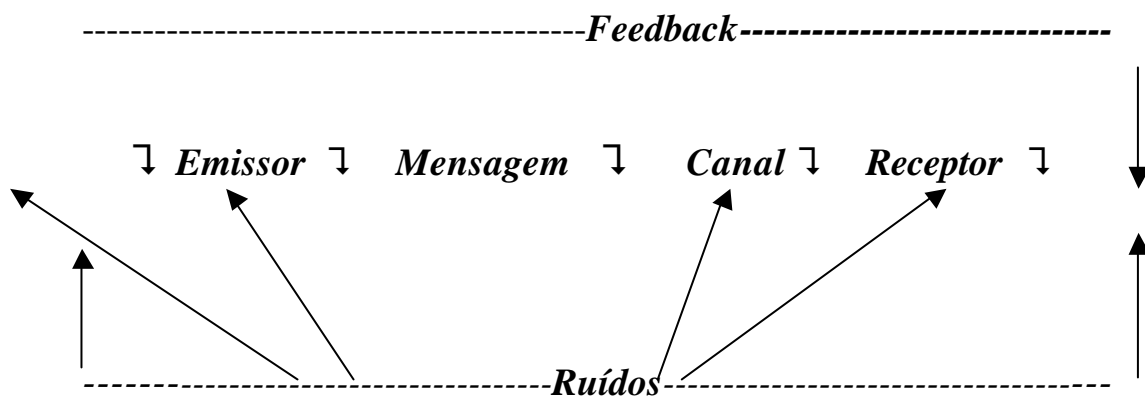
difundem por todo o planeta contribuem para a transformação da sociedade e para estabelecer um novo tipo de relações entre os indivíduos e os povos.^{29[29]}

Estamos e vivemos num mundo que tornou-se uma pequena aldeia, mas apesar da grande evolução dos MCS o homem está cada vez mais fechado em si mesmo encontrando menos espaços para a comunicação. O homem está vivendo prisioneiro, isolado. Temos que como cristãos lutar contra tudo isso, formando o homem à liberdade integral, por meio de uma comunicação libertadora. Isto é uma comunicação de participação e partilha.

“A causa não é de alguém mas de todos. Querer evangelizar pela comunicação e pelos meios de comunicação exige, ante de mais nada, que aqueles comunicam e evangelizam vivam entre si a comunicação, geradora de comunhão e participação.

Nem só pastores, nem só técnicos, mas pastores tecnicamente preparados para o mundo de hoje, de agora, aberto às possibilidades do amanhã da comunicação social, e agentes de pastoral também”.^{30[30]}

O processo de comunicação podemos sintetiza-lo desta maneira:



²⁹Cf Wolfgang GRUEN, *Novos tempos interpelam nossa Catequese* em “Revista de Catequese” n. 89 (2000), pp. 42-48.

³⁰Nereu TEIXEIRA, *Comunicação Libertadora*, Edições Paulinas, São Paulo, 1983, p. 15.

Emissor ✎ Palavra que envia e transmite a mensagem, a fonte da qual brota a comunicação. Representa a pergunta: quem comunica.

Mensagem ✎ Conjunto de sinais e símbolos que se utilizam para transmitir algo entre várias pessoas. Tipos de mensagens: verbais, icônicos, sonoros, gestuais, escritos.

Canal ✎ É um meio. Sua função é aquela de suporte à mensagem entre o emissor e o receptor.

Receptor ✎ Recebe a informação ou mensagem que transmite o emissor.

Ruídos ✎ É tudo o que perturba, desvia ou dificulta a comunicação.

Feedback ✎ Controle que o emissor exerce sobre a informação, colocando ao centro da relação que se estabelece entre emissor e receptor a partir da mensagem transmitida. A relação e o intercâmbio que se relaciona entre emissor e receptor. Feedback, no mundo da *mídia* é usado para indicar o efeito de resposta ao sinal enviado pelo emissor. O índice de escuta, tipo de relação, evolução de resposta.^{31[31]}

1.4. Como aplicar concretamente este esquema na catequese?

O que segue é um exemplo com um encontro de catequese.

O catequista é o *emissor* que comunica a mensagem. É chamado a comunicar bem, para que a mensagem seja clara e possa ser acolhida pelos *receptores*: crianças de 10 a 12 anos, que se preparam para receberem o sacramento da Eucaristia.

³¹Cf. Pierre BABIN, *La Catechesi nell'era della comunicazione*. ELLE DI CI Leumann Torino, 1989, p. 34.

Para comunicar bem, necessita-se de instrumentos aptos para que a mensagem possa chegar até o destinatário. Nisto o *feedback*, será útil a compreender até quando houve a comunicação. Nesta relação o catequista pode utilizar alguns símbolos existentes dentro do processo de comunicação.

Como formular a mensagem? Através de *códigos* comuns. Os quais podem ser como já dizemos, icônicos, sonoros, gestuais, escritos, dança, canto, e outros.

Para explicar este esquema o transformá-lo-ei a um encontro de catequese aplicando-o de modo criativo. O catequista é o emissor, que transmite a mensagem. O tema: *Cristo Pão Vivo*, procurando utilizar todos os recursos necessários podem ser através da voz ou com o silêncio usando um fundo musical, convidando os destinatários ou receptores a observar todos os símbolos que estão espalhados aqui e acolá, criando entre eles um *feedback*, em uma relação comunicativa de intercâmbio entre ambos. Esse poderia ser um canal que faz de ponte, transmitem *sinais* (vida, morte, fome) *símbolos* (pão, trigo, farinha).

Dentro deste processo existem sempre desafios que dificultam a comunicação. Entre estes estão os “*ruídos*”, eles podem ser:

- ?? ? *“a distancia sócio-cultural entre o catequista e o catequizando;*
- ?? ? *mensagem desligada da realidade do povo;*
- ?? ? *trabalho rotineiro e desinteressante;*
- ?? ? *problema emocional como detectado no catequizando;*
- ?? ? *local inadequado para trabalhar com o grupo;*
- ?? ? *material incompreensível para o destinatário;*
- ?? ? *linguagem inadequada;*
- ?? ? *características da personalidade do catequista”*.^{32[32]}

³²CNBB, Texto-base da CF 1989, op. cit. p. 257.

Como também pode ser um que perturba, outro que não consegue entender porque não se alimentou bem e ao ver falar de pão se revolta.

O catequista para ser um bom comunicador deverá avaliar sempre cada encontro ou atividade catequética e sobretudo avaliar o conteúdo da mensagem. Ele poderá usar o método de perguntas e respostas, como também propor uma gincana de solidariedade para com os mais necessitados. Assim colherá dos seus catequizandos a solidariedade e a partilha dos bens que possui em favor do irmão carente.

Neste caso, o catequista consegue ser comunicador, porque toca o coração dos seus receptores e os leva à uma transformação diante de uma situação cruel e difícil como aquela da fome: consegue transmitir vida, amor, solidariedade, partilha e comunhão. Isto é possível apontando Cristo como o Pão vivo, que nos ensina com a entrega total de si mesmo para nós, como Ele, também nós podemos oferecer a nossa vida pelos nossos irmãos.

Está nas mãos do catequista conseguir escalar esta montanha de desafios, tentando penetrar no coração do destinatário e fazê-lo perceber que Cristo é *Verdadeiro Pão Vivo* e pode saciar não somente a sua fome material, mas também sua fome de amor, de diálogo, de partilha e ser a Vida de sua vida.

CAPÍTULO II

O AUDIOVISUAL

2. A Gramática do Audiovisual

Quando falamos de gramática, nos referimos aos elementos constitutivos de uma língua, ou seja, sons, formas, palavras e sintagmas. No mundo da comunicação audiovisual existe uma gramática e uma sintaxe. A sintaxe, é a parte da gramática que contém as regras de combinação dos elementos lexicais significativos, portanto da formação das frases nas artes figurativas e gráficas, na música e no espetáculo. A sintaxe das cores de um quadro, a sintaxe da montagem de um filme.

As ciências da comunicação, usam o termo “sintaxe comunicativa” para indicar a descrição formal do processo comunicativo. A comunicação audiovisual e as suas linguagens ocupam um papel importante no processo catequético, que modifica e organiza a catequese em si. Quando falamos de comunicação, referimo-nos à realidade profunda da existência humana pelo fato que a comunicação exprime o agir do ser humano.

No mundo da comunicação audiovisual, é necessário conhecer a gramática e sintaxe desta linguagem favorecendo assim a capacidade de saber analisar a linguagem audiovisual.^{33[33]}

³³Cf. Claudio PIGHIN, *Missione e Comunicazione*, op. cit. p. 53.

2.1. O que se entende por gramática audiovisual

Etimologicamente por audiovisual, se entende um conjunto de instrumentos pedagógicos que utilizam imagens, sons, ou qualquer combinação destes dois elementos com a Palavra, a serviço de uma mensagem ou de um ensinamento a ser transmitido.

É importante que o catequista aprenda a usar o audiovisual, conhecendo os seus valores, e colocando-os ao serviço da catequese.

Nós catequistas fomos formados e somos chamados da época de Gutenberg ou seja da era da escrita, onde comunicar a fé significava fazê-la compreender, aprender e praticar a partir da “linguagem da mesma”. Portanto hoje o audiovisual a serviço da catequese, oferece mais possibilidades que facilitam, e tornam atraente a mensagem da fé.

O audiovisual, é uma linguagem que predomina e toma conta das pessoas de hoje. Entre as duas linguagens, a de Gutenberg (escrita) e a do audiovisual (mídia) que não são contrapostas, mas usadas de maneira complementar, Pierre Babin, apresenta três métodos:

?? ? Método tradicional, para ilustrar, motivar e interiorizar;

?? ? Método ativo, a montagem. É um produto que vem produzido no grupo;

?? ? Método de grupo: o catequista deve ajudar o grupo a expressar-se e a comunicar-se para isto, é necessário que o catequista seja capacitado a usar esses meios, por meio de uma formação específica.

As experiências dos anos 68 - 80, colocaram à luz três elementos:

?? ? É uma etapa importante na formação dos catequistas;

?? ? Conhecimentos da sua linguagem e as suas características;

?? ? O audiovisual é considerado um meio a serviço de uma mensagem que deve ser transmitida. Os slides, a música, a gráfica e o vídeo para fazer compreender uma mensagem é uma estrada eficaz e gratificante.

O audiovisual tem uma linguagem própria, caracterizada pela mensagem, unificada pelas características do som, da palavra e da imagem. A primeira coisa é “*sentir*”(a linguagem audiovisual implica um forte impacto sensorial); a segunda coisa é a do “*imaginário*” (esta permite sair de si mesmo e de apresentar-se).

?? ? a *dramatização*: saber dramatizar, escrever uma peça teatral, um boletim paroquial ou uma reportagem no jornal;

?? ? a *espontaneidade*: é própria da linguagem audiovisual;

?? a *riqueza intercultural*: reduzir a distância do tempo e a do espaço.

Quais as conseqüências para a catequese? Devemos hoje dar prioridade ou reforçar na catequese à linguagem simbólica e audiovisual.^{34[34]}

Basta pensarmos à cultura audiovisual, no passado o único meio privilegiado era a palavra para transmitir uma mensagem. Hoje a Palavra é um dos meios. Hoje os códigos são tantos (verbal, gestual, mímicas, tom de voz, palavra, a televisão com a velocidade, imagens, musica, técnicas e outros). Não podemos ser estranhos à esta realidade se quisermos alcançar algo.

As culturas estão em contínua mudança, e conseqüentemente a evangelização não consegue acompanhar este processo tão rápido. O planeta

³⁴Cf. Pierre BABIN, *Audiovisivo*, in DIZIONARIO DI CATECHETICA, a cura di Joseph GEVAERT, Editrice Elle Di Ci Leumann, Torino, 1986, pp. 58-61. *Allocuzione ai membri del Consiglio Internazionale per la catechesi*: “L’Osservatore Romano” del 27 settembre 1992; CONGREGAZIONE PER IL CULTO DIVINO E LA DISCIPLINA DEI SACRAMENTI, Istruzione *La liturgia romana e l’inculturazione* (25 gennaio 1995); AAS 87 (1995), pp. 288-319.

terra está mudando. Basta pensar ao telejornal, em um minuto o mundo sabe ou recebe a mesma informação, em questão de segundos todos sabem tudo.

A cultura audiovisual, leva à uma concepção do tempo e do espaço uma participação aos acontecimentos. Na cultura audiovisual evidencia-se o aspecto emotivo. Portanto precisa oferecer uma catequese que valorize e perceba também a emoção dos seus participantes. É muito importante o uso da vibração.

Esta cultura audiovisual, requer uma preparação e para fazer isto o audiovisual há um papel importantíssimo, é um meio para provocar a participação a consciência a discussão. Ou seja alimenta uma discussão participativa. Temos o dever de fazer com que os catequizandos sintam-se bem. É muito importante conhecer bem o meio. Neste sentido a catequese é profética.

Também a linguagem simbólica, como já vimos, precisa usa-la muito na catequese.

Sabemos que a cultura faz parte da natureza do ser humano. Pode-se dizer que a cultura, é o que forma à sociedade. A cultura está além de cada indivíduo. Não existe o homem, mas o homem brasileiro, italiano, indiano, americano.

Apresentar a catequese em um contexto sócio- cultural^{35[35]} requer “da

³⁵Cf. SACRA CONGREGAZIONE PER IL CLERO, Direttorio Catechistico Generale, parte II, cap. 1 (1971) 8; EN, op. cit. 20; 63; CT, op. cit. 53; RM, op. cit. 52-54; GIOVANNI PAOLO II, *Allocuzione ai membri del Consiglio Internazionale per la Catechesi*: “L’Osservatore Romano” del 27 settembre 1992; CONGREGAZIONE PER IL CULTO DIVINO E LA DISCIPLINA DEI SACRAMENTI, Istruzione La liturgia romana e l’inculturazione (25 gennaio 1995); AAS 87 (1995), pp. 228-319. PAULO VI, Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi*, Evangelho aos Homens de hoje, Editorial AO. – Braga – Portugal, 1983.

catequese, como da evangelização em geral podemos dizer que é chamada a levar a força do Evangelho no coração da cultura e das culturas”.^{36[36]} Portanto o compromisso é necessário quanto exigente que não podemos ficar fora. Tarefas para uma catequese inculturada da fé.^{37[37]} É portanto dever da catequese:

- “conhecer em profundidade a cultura das pessoas e o grau de penetração nas suas vidas;
- reconhecer a presença cultural no próprio Evangelho, afirmando que este não nasce de um humus cultural humano, e por outro lado, reconhecendo como o Evangelho não possa ser isolado das culturas nas quais se inseriu a princípio, e nas quais se tem expresso no curso dos séculos;
- anunciar a profunda transformação, a conversão que o Evangelho enquanto força “transformadora e regeneradora”,^{38[38]} opera nas culturas;
- testemunhar a transcendência e não exaltação do Evangelho na cultura e, ao mesmo tempo, distinguir os germes evangélicos que podem estar presentes nesta;
- promover uma nova expressão do Evangelho segundo a cultura evangelizadora, visando obter uma linguagem da fé que seja patrimônio comum entre os fiéis e, portanto, fator fundamental de comunhão;
- manter íntegros os conteúdos da fé da Igreja e procurar que a explicação e o esclarecimento das fórmulas doutrinárias da Tradição sejam propostas tendo-se conta a situação cultural e histórica dos destinatários, evitando sempre mutilações e falsificações dos conteúdos”.^{39[39]}

Não é possível uma catequese renovada que não compreenda à cultura do seu destinatário e o ambiente no qual ele vive. A catequese é chamada a colher e valorizar os elementos culturais dos seus catequizandos. Por exemplo: o alimento, é um elemento cultural universal. Sentar-se à mesa, é

³⁶CT, op. cit. n. 53

³⁷Idem.

³⁸Idem.

³⁹CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, *Diretório Geral para a Catequese*, 1997, op. cit. n. 203.

sinal de acolhida, de partilha). São valores culturais que na catequese devem ser utilizados, como: na preparação e realização da Eucaristia. Celebrar procurando integrar a vida com a fé celebrada. Seus costumes, a maneira de viver, de vestir, de fazer festa, e todo aquele jeito no qual o homem manifesta o seu jeito de ser e de agir.

Mas diante de um mundo em mudanças, alguns valores culturais estão sendo sufocados, como: na questão dos alimentos americanos que estão infiltrando a nossa cultura e substituindo os nossos costumes; por exemplo: no lugar da feijoada e da farofa, o sanduíche, o hambúrguer, a coca-cola e outros. Estão transformando o nosso jeito de nos alimentarmos. Parece não perigoso, mas está influenciando os nossos valores culturais.

A cultura se manifesta no jeito com o qual se vive, se veste, se comunica. A saudação, é um elemento cultural de cada povo que se saúda diversamente e nesta saudação encontramos valores culturais grandiosos. Basta pensar no exemplo da saudação dos indianos: com uma inclinação um diante do outro e com as mãos juntas; ou ao abraço brasileiro que nos transmitem força, energia, amizade, calor humano.

O audiovisual provoca a psicologia do telespectador de uma maneira eficaz. A imagem, de fato há uma grande capacidade de provocar pensamentos, emoções, comportamentos, interpretações.

Diante desta realidade a catequese tem que caminhar passo a passo com a cultura e procurar integrar a vida à fé dos seus catequizandos. Temos que oferecer uma catequese viva e participativa. Ao catequizar, o catequista deve colher estes valores e aos poucos integrar nos encontros, nas celebrações, nas dinâmicas, nas festividades (a festa para o povo brasileiro é um elemento cultural muito forte. Celebra-se o encontro entre famílias e amigos, com

músicas, danças, comes e bebes). Temos que apresentar tudo isso na catequese e celebrar resgatando os costumes, por exemplo, da realidade do interior da Bahia-Brasil a festa junina (a fogueira, o estar juntos, a partilha, a alegria, a solidariedade entre famílias). Aqui a catequese pode explorar bastante os símbolos da celebração: a acolhida, a luz, a tradição, a dança, a união e outros.

2.2. As linguagens da comunicação

Para que a comunicação seja eficaz, há necessidade de certos elementos, como já vimos quando falamos da comunicação.

A comunicação pode acontecer através da linguagem oral (a palavra) ou através da linguagem escrita (silenciosa). Ambas são feitas de palavras. Portanto, a comunicação, seja oral que escrita, pode também expressar-se com outras imagens: a música (através de sons, ruídos, efeitos sonoros, sinais); a mímica (com gestos, teatro, gestos, símbolos); icônicos (baseado sobre imagens); audiovisual (imagem baseada sobre o visivo e sobre o sonoro).

Muitas vezes as formas de comunicação oral ou escrita se entrelaçam e servem para tornar mais clara, eficaz e marcante a própria comunicação. O que queremos comunicar com as palavras, muitas vezes, vem reforçado com o gesto.

Deus revelou-se à humanidade com gestos e palavras, de modo que o homem pudesse entender sua linguagem. Assim também nós para podermos alcançarmos uma comunicação, é necessário termos claro o objetivo, a finalidade, o porquê daquele conteúdo, do seu uso e da forma com a qual deve ser apresentado.

Como vimos há diversas linguagens que se pode usar na catequese mas no anúncio utilizamos quase sempre a linguagem da palavra e isto, muitas vezes, torna difícil a compreensão. A riqueza da linguagem faz parte do Criador e tem a sua origem em Deus, por isso é dom de Deus. Não conseguimos anunciar tudo sobre a Palavra de Deus; então devemos recorrer à riqueza dos meios que temos a disposição na catequese.

Muitas vezes a incapacidade de pensar e comunicar na linguagem de hoje é devido à falta de preparação dos catequistas e dos agentes de pastoral. Temos que adotar uma linguagem nova, capaz de atrair, motivar e ser compreendida. Esta nova linguagem significa como já vimos:

?? ? Revitalizar os símbolos;

?? ? Valorizar a linguagem do corpo;

?? ? Adquirir familiaridade com a nova linguagem criada pela internet e outros meios;

?? ? A linguagem como expressão de nossa mentalidade.

Hoje, entrar neste processo de mudança da linguagem, supõe e requer conversão.

Então hoje nos perguntamos se a nossa linguagem é Babel ou Pentecostes? Babel representa a impossibilidade de todos os homens a falar entre si com uma única linguagem; é o lugar dos encontros não realizados: as línguas não se entendem, os equívocos se multiplicam e as pessoas não se encontram: é o símbolo da não comunicação, da fadiga e da ambigüidade à qual é sujeito o comunicar a terra; Babel é também o símbolo de uma civilização.^{40[40]} por outro lado é dever da catequese

⁴⁰Cf. Carlo Maria MARTINI, *Effatà "Apriti"*, Centro Ambrosiano, Milano, 1990, pp. 11-12.

“encontrar a linguagem adaptada às crianças, aos jovens do nosso tempo em geral e ainda a muitas outras categorias de pessoas: linguagem para os estudantes, para os intelectuais e para os homens da ciência; linguagem para os analfabetos e para as pessoas de cultura elementar; linguagem para os deficientes etc.”^{41[41]}

É importante a clareza na linguagem para que não aconteça que as pessoas não se entendam.

“O perigo começa quando a gente pensa que todo mundo sabe aquilo que para nós é corriqueiro. Numa paróquia, os padres davam curso para os catequistas e costumavam justificar certas argumentações dizendo: “...como disse Puebla, Medellín concluiu que...” Um dia os padres não estavam e o curso teve que ser dirigido por uma das catequistas, que perguntou às colegas se alguém tinha alguma dúvida. Aproveitando a intimidade maior que tinham com a companheira, os catequistas resolveram perguntar quem eram essas pessoas (Puebla e Medellín) que os padres tanto citavam. Não tinham ocorrido a nenhum dos sacerdotes que os catequistas desconhecêssem que Puebla e Medellín eram cidades onde se realizaram as duas mais importantes assembléias de bispos latino-americanos”.^{42[42]}

Portanto é importantíssimo a clareza da linguagem na transmissão da mensagem. E por ser um fator primordial, não podemos deixar passar despercebido. Não devemos temer em explicar as pessoas, dialogando, perguntando: “Entendeu? O que não ficou claro? O que é fácil ou difícil?”

Para que a pessoa não se sinta estrangeira em uma comunidade, será muito bom que ela entenda a linguagem que aí se fala. A linguagem é um sinal que ajuda a pessoa a se sentir como alguém que partilha de fato os objetivos e a vida do grupo.

“Fica estranho querer que os catequizandos sintam a mensagem evangélica como mensagem de vida se a própria linguagem é pesada, formal, diferente do

⁴¹JOÃO PAULO II, Exortação Apostólica *Catequese Tradendae*, sobre a Catequese no nosso tempo, 16 de outubro 1979, Editrice Libreria Vaticana, Città del Vaticano, 1979, n. 59.

⁴²CNBB, Texto-base da CF 1989, op. cit. p. 259

jeito natural de falar. É claro que se supõe que falaremos de Deus usando uma linguagem digna, condizente com o assunto. Mas isso não é sinônimo de complicação, de monotonia. É perfeitamente possível que a linguagem seja digna, que o tratamento dado ao assunto seja sério, sem deixar de ser simples e jovial. Quando o Verbo (palavra) de Deus se encarnou entre nós, veio como carpinteiro, não como um intelectual cheio de termos difíceis. Numa linguagem que faça sentido também para os carpinteiros de hoje? Mas nem só de palavras é feita uma linguagem. Junto com as palavras vão o tom de voz, a postura, o gesto, o sorriso e até certos silêncios expressivos. Olhar o outro nos olhos, prestar realmente atenção ao que ele é e ao que ele diz pode comunicar mais do que um discurso sobre a importância do ser humano”.^{43[43]}

A linguagem na catequese tem que favorecer uma libertação integral do homem. O melhor exemplo de libertação pela linguagem é o da Bíblia. Os livros que a compõem são dentro da caminhada de um povo continuamente às voltas com sofrimento e opressão. Sua linguagem é, pois, a do povo, com suas qualidades e seus defeitos.

A Bíblia fala claro e sem rodeios; conta casos, cita provérbios, traz parábolas e histórias populares; de vez em quando, exagera um pouco: grita, xinga. Usa um linguajar concreto, veraz, vigoroso; não tem medo de criticar e de chorar, mas em geral não gosta de ferir o irmão; é questionadora, provocante – no sentido radical da palavra: convida a ir em frente. Fala a linguagem do Êxodo, cheia de fé e de esperança; desinstaladora. Não absolutiza uma resposta ou solução, uma teologia; quebra os falsos absolutos, que não passam de ídolos. Não abafa vozes discordantes, quando inspiradas pela fé. Somando tudo: sua linguagem é honesta, libertadora; leva adiante o projeto de Deus.

O homem não só usa a linguagem, mas é linguagem, pelo que é e faz. Isto significa que a nossa linguagem não deve ser vista como algo de

⁴³*Idem*, p. 261.

autônomo, episódico. Ele é elemento-chave de um sistema coerente; é amostra desse sistema, sinal do tipo de vida e de sociedade de quem fala. Mas é também instrumento de mudanças. Tudo isto acarreta uma série conjugada de tarefas para a catequese. Podemos distinguir três tipos de estratégias.

1. 1. Promover a leitura libertadora de textos, falas, situações;
Adquirir conhecimentos básicos, teóricos e práticos sobre a linguagem. Considerando a importância do saber interpretar (textos, situações, sentido da vida). É importante que nos cursos de formação catequética de nível superior se introduzam questões selecionadas de lingüística e de hermenêutica. “...*Os grandes progressos da ciência da linguagem devem ser postos a serviço da catequese*”.^{44[44]}
2. 2. Usar a linguagem libertadora. A catequese será, pois, libertadora ou domesticada também conforme a linguagem que usa.
3. 3. Criar ambiente libertador. O que tem de mudar é a vivência da qual brota a linguagem. Aí sim, esta também mudará. A linguagem faz parte da vivência. O esforço em purificar nosso modo de falar tem seu valor: já é sinal de conversão e ajudará a mudar o conjunto todo.^{45[45]}

Para explicar melhor a linguagem audiovisual segue alguns aspectos do mundo da comunicação os quais parecem ser de notável importância na catequese:

- a) Sinais e símbolos;
- c) c) O corpo;

⁴⁴CT, op. cit. n. 59.

⁴⁵Cf. Wolfgang GRUEN *Linguagem e libertação na catequese*, em “Revista de Catequese”, n. 25 (1984), pp. 17-30.

- d) d) O canto e a música;
- e) e) A foto;
- f) f) A técnica e o material.

a) a) *Os sinais e os símbolos*

Antes de tudo é bom definir o que é um *sinal* e o que é um *símbolo*. Chama-se *sinal*, uma realidade sensível que revela em si mesma uma carência e manda à outra realidade. O *sinal*, é a capacidade que pode depender, além do elemento sensível, de um “*código*” comum aos dois comunicadores, do contexto, da experiência anterior de ambos. Quando o termo vem usado em relação ao *símbolo*, entende-se uma realidade sensível que volta a um significado decisivo, mas de caráter convencional.

Em geral a ação simbólica, é ligada aos momentos chaves da vida do homem.^{46[46]}

Símbolo, etimologicamente, significa: encontrar-se, colocar em comum. É aquele objeto, aquela imagem, aquela palavra que vai ecoar e juntar-se com uma parte que já está presente em nós. Exemplo: uma flor seca entre as paginas de um livro, nos faz lembrar e vir à tona todas as emoções que sentimos quando recebemos aquela flor de alguém que nos ama. Ela não dirá nada para quem não fez esta experiência.

Enquanto o sinal, “designa,” se volta ao cérebro, o símbolo evoca, chama, manda a. A imagem nos fascina porque se serve do símbolo. Nessa área a propaganda é insuperável.

⁴⁶Cf. Domenico SARTORE, *Segno/Símbolo* in NUOVO DIZIONARIO DI LITURGIA, a cura di Domenico SARTORE – Achille M. TRIACCA, Edizioni Paoline, Roma, 1984, p. 1370-1381.

Para comunicar não é suficiente emitir palavras, “falar não significa comunicar”. Comunicar “*não é dizer, mas dizer-se, revelar-se*”. Na evangelização esta revelação pode ser interpretada pelo menos em duas maneiras diferentes. Antes de tudo, quem deve ser revelado é Jesus Cristo, porque evangelizar não significa recolher discípulos ao redor de si mesmo, mas ao redor de Cristo. Evangelizar é também fazer entrar em jogo a própria pessoa, comprometer-se, e isto requer um jeito para revelar a si mesmo, testemunhar os valores nos quais se crê. Na evangelização não se promove a si mesmos, mas o Evangelho.

É papel do evangelizador procurar adaptar a linguagem e ser fiel ao seu destinatário. A preocupação que a evangelização fosse comunicada aos homens concretos esteve sempre na Bíblia, desde o Antigo Testamento ao Novo Testamento, nos profetas, e em Paulo, por exemplo, quando fala aos atenienses, usa a linguagem deles fazendo referimento à sua cultura. Na história da Igreja se multiplicaram essas tentativas como: S. Jerônimo que traduziu a Bíblia em latim; Lutero que a traduziu pela primeira vez em alemão; no campo missionário temos o exemplo de Mateus Ricci que evangelizou em chinês e enfim a reforma litúrgica do Concílio Vaticano II, que abriu caminhos novos aos mistérios do culto nas diversas culturas de cada povo.

Paulo VI falando da evangelização diz: “*A Evangelização, perderia algo da sua força e da sua eficácia se ela porventura não tomasse em consideração o povo concreto a que se dirige, se não utilizasse a sua língua,*

os seus sinais e símbolos; depois não responderia também aos problemas que esse povo apresenta, nem atingiria a sua vida real”.^{47[47]}

Para perceber a força do símbolo, é necessário ter vivido uma experiência. Não é difícil entender qual seja a importância deste discurso para a sua eficácia na catequese: podemos continuar acreditando de poder preparar as crianças para a eucaristia somente com um livro, um texto e não com experiências? Precisamos ser testemunhos autênticos e coerentes com o nosso viver os valores cristãos, na relação direta com os nossos destinatários. Somente assim podemos ser ainda hoje canais que passam a mensagem de Cristo em um mundo confuso. Devemos ser os novos João Batista que preparam a estrada para que o homem se encontre com Cristo; devemos ter coragem de comunicar, de apontar: “Eis o Cordeiro de Deus” (Cf. Jo 1,29).

Pierre Babin, apresenta dois tipos de linguagens: simbólica e conceitual. Oferecendo assim uma clareza maior, uma chave à comunicação audiovisual. *A linguagem simbólica*, faz pensar a uma realidade que está por detrás; Exemplo:

“quando vemos a fumaça sabemos que ali existe o fogo. A fumaça é símbolo do fogo: nos faz pensar ao fogo. Daquele momento, para mim o símbolo consiste essencialmente em uma operação mental. Na comunicação audiovisual da modulação, tal aspecto torna-se secundário. Antes de fazer pensar, o símbolo faz viver em modo diferente. O símbolo é um agente de transformação. Envolve toda a pessoa. Com uma linguagem jovial, poderemos dizer que o símbolo é uma droga que faz caminhar”.^{48[48]}

A linguagem conceitual, é aquela linguagem que dá à realidade uma representação mental, abstrata, fechada e estática.

⁴⁷PAULO VI, Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi*, Evangelho aos Homens de hoje, Editorial A.O. – Braga – Portugal, 1983, n. 63.

⁴⁸Pierre BABIN, *La Catechesi nell’era della Comunicazione*, op. cit. p.130.

Sem dúvida não se pode separar estas duas linguagens entrelaçadas entre si porque fazem parte do nosso viver quotidiano. Como também não podemos separar a frase poética, cheia de imagens, da música.

A distinção destas duas linguagens continuam sendo essenciais se quisermos entender o nosso tempo e a cultura na qual vivem os nossos destinatários.

O audiovisual, para ser atraente e bom, usa a linguagem simbólica. Os impactos do som e da imagem que ele contém “a mais” e “além” da realidade da qual fala. A linguagem simbólica audiovisual vale mais pelo efeito que produz em nós que pelo que nos diz.

O símbolo faz parte da nossa vida e nos ajuda a viver em relação com uma realidade maior. Ele fala ao coração, favorece uma união com as pessoas (como no caso da dança). O símbolo cria um espaço de liberdade e nos ajuda a viver uma relação direta com o divino. Como o espiritual o símbolo exige humildade, requer conversão para acolher, aderir e uma participação pessoal.^{49[49]}

A linguagem simbólica é a única capaz de captar a inquietação do coração humano até que o nosso “*pedacinho de Deus*” que está em nós não encontrar-se com Deus inteiro, seremos como sedentos à procura da fonte. A linguagem da Bíblia é uma linguagem alta e fortemente simbólica, basta pensarmos à linguagem dos salmos, por exemplo o salmo 19: “Os céus narram à glória de Deus, e o firmamento proclama a grandeza das suas obras”. Mas muitas vezes esta linguagem tornou-se somente conceitual.

Portanto notamos a necessidade de resgatar sempre mais a linguagem simbólica na catequese, a linguagem das imagens. A linguagem simbólica faz

⁴⁹Cf. *Idem*, pp. 130-134.

vibrar, oferece momentos de comunhão com Deus com si mesmo e com os outros. (A linguagem conceitual sabe ou tenta precisar, a essência de Deus, mas faz nascer conflitos sobre Deus, causando os cismas e as heresias).

Eis que para exprimir a alegria da fé posso mostrar um rosto anônimo sorridente, mas se mostro o rosto sorridente de um esportista ou de um ator muito conhecido, todos pensarão e dirão que aquele é o tal, personagem que não apela diretamente para uma atitude de fé. Ao contrário, um rosto anônimo, talvez esfumado, pode levar à intuição emotiva de um valor religioso.

Para compreender o mistério da fé não bastam as palavras, sobretudo com as crianças. Estas, evidentemente, preferem a televisão a certos encontros de catequese, e não seguem a comunicação por meio de palavras. Para iniciá-las na fé é certamente necessário o contato de pessoa a pessoa, fazendo em conjunto a experiência cristã. Mas para descobrir esta experiência de vida e compreendê-la, precisamos da linguagem simbólica, que se baseia na mensagem, reforçada na televisão pelo som ritmado com o silêncio.

A catequese deve tornar-se sempre mais uma escola de oração introduzindo a linguagem simbólica para ensinar a rezar. De fato, a linguagem simbólica é a única capaz de colher esta inquietação que move o coração do homem e o conduz para Deus. De fazer vibrar aquelas cordas interiores que todos temos dentro e que esperam somente ser tocadas.^{50[50]}

Na comunicação entre o locutor e o interlocutor necessita de sinais e símbolos que sejam compreensíveis e adequados para que a comunicação seja eficaz, e atinja o seu objetivo. O ponto de partida deveria ser sempre a situação na qual o interlocutor está. Se devo falar a um grupo de espanhóis, a

⁵⁰Cf. AA.VV. *L'arte di Comunicare*, op. cit. p. 44.

primeira e inevitável estratégia consiste em falar para eles em espanhol. Se me imponho a falar-lhes em francês, não me entenderão, mesmo se estou dizendo coisas muito interessantes.

Então podemos afirmar que a linguagem constitui um grande desafio à Igreja de hoje diante das grandes transformações que a *mídia* introduziu ao nível de sinais e símbolos. Mas nos questionam diante do grande público que freqüentam todo domingo as nossas Igrejas, muitas vezes o rio de palavras não tocam os corações das pessoas e nem as transformam. Pode-se afirmar que quanto mais pregações sentem, mas se afastam da cultura da fé.

Concluindo esta parte, podemos dizer que essa linguagem nos aproxima de Deus. Portanto, a catequese deve favorecer sempre mais e ser o lugar onde a pessoa humana encontra-se com Deus por meio da oração. A linguagem simbólica colhe essa inquietação que agita o coração do homem e o conduz para Deus.

Comunicar é como um caminho que nos conduz ao pico de uma montanha, que nos dá alegria quando chegamos no alto, porém, devemos lembrar sempre que para chegarmos lá em cima temos que percorrer todo o caminho.

b) O corpo

Limitar a comunicação somente no ambiente dos relacionamentos inter humanos e à forma verbal seria empobrecê-la. Sabemos que a palavra é apenas um dos meios comunicativos, embora seja porque é a privilegiada. A comunicação se realiza através de toda a pessoa. Tudo comunica, o nosso comportamento fala, até mesmo o silêncio transmite e nos faz entender muitas coisas.

Corpo e comportamento são linguagens que comunicam.

“O Corpo oferece uma variedade de vocábulos, de detalhes significativos, ricos de valores, facilitando o conhecimento da pessoa no modo mais amplo possível. Não é tanto correto dizer que “o homem tem um corpo”; mas dizer que “o homem é também o seu corpo”, porque o corpo é uma parte essencial; não é um companheiro de viagem, mas parte essencial. Por meio do corpo nos expomos aos outros, estamos com os outros, nos damos naquele dom substancial de nós que é o amor”.^{51[51]}

Hoje, fala-se muito de uma descoberta e valorização do corpo e de suas expressões. Esta descoberta quer superar o dualismo tradicional entre corpo e espírito, com a subordinação do primeiro sobre o segundo. Mas encontra-se também expressões voltadas aos fenômenos de cultura popular como: a dança, o sport, a moda. Um forte exemplo da linguagem corporal é a dança, ela é a celebração lírica do gesto. Na dança a linguagem corporal celebra a si mesma.

A linguagem do corpo faz parte da comunicação não verbal, sobretudo por meio dos sentidos, dos olhos, da face, do olfato, do tato, do paladar (os sabores). Mas dentro da área da comunicação não verbal, encontramos a área cinética. Essa, estuda a linguagem dos gestos, a linguagem do corpo em sua totalidade, aspectos, posições e movimentos. O uso de algumas partes do corpo como: o olhar, o rosto, as mãos.^{52[52]}

Na cultura atual têm se dado muita importância ao corpo, mas por outro lado chegamos aos limites da exploração da não valorização do corpo, basta pensar à violência ao próprio corpo, a escravidão, o corpo visto como produto

⁵¹Giuseppe COLOMBERO, *Dalle parole al dialogo*, Edizioni San Paolo, Cinisello Balsamo, Milano, 1988, p. 36.

⁵²Cf. Grazia LE MURA, *Comunicare: dal cuore alle mani*; op. cit. p. 162.

de comércio e propaganda, como prazer sexual e até mesmo a pornografia.^{53[53]}

Esse é um dos elementos que a catequese deve levar em consideração aproveitando a dança, elemento cultural da vida do povo, descobrir um novo jeito de transmitir a mensagem do Cristo por meio da coreografia; lugar onde música e corpo se unificam. Os gestos transmitem tudo o que você não consegue expressar com as palavras. O corpo fala. E o catequista é chamado a acompanhar este mundo de descobertas sobretudo, fazendo com que o catequizando descubra o valor do seu próprio corpo; amar a si mesmo se começa pelo próprio corpo. Isso é muito importante na fase da adolescência (período de crescimento e de descoberta do próprio corpo, das próprias emoções e transformações). Se o adolescente nessa fase for orientado pelos pais, pelo catequista, pela escola, não será sujeito a tantos males e preconceitos com o próprio corpo. É papel do catequista orientar o catequizando a amar-se como obra prima de Deus. Nós somos criaturas bonitas e perfeitas, somos obra prima do Criador (Cf. Gen 1; e Sal 8).

A função comunicativa do corpo, leva o homem a viver o seu corpo e expressar-se plenamente com os significados espirituais de toda a sua realidade corpórea. O corpo torna-se muito mais que um instrumento de comunicação, a linguagem original e fundamental na qual se enraízam todas as outras formas derivadas da linguagem.

“O Mistério da Encarnação deveria servir para despertar em nós uma reflexão mais séria sobre o poder de comunicação do corpo. Jesus não

⁵³Cf. PONTIFÍCIO CONSELHO PARA AS COMUNICAÇÕES SOCIAIS, *Pornografia e violência nas comunicações sociais, uma resposta pastoral*, 7 maio de 1989, Edições Paulinas, São Paulo, 1989, nn. 5-6.

comunicou a mensagem do Pai somente através dos seus ensinamentos por meio da palavra. Abençoar as crianças, beber água dada pela samaritana, comer com os pecadores, lavar os pés dos apóstolos, curar em dia de sábado, conviver com os homens. São gestos que falam muito alto como sinais da relação de Deus com os homens. O gesto mais falante será a própria entrega na cruz, feita de sangue e carne machucada, gesto concreto que dá sentido às poucas palavras que nessa hora foram pronunciadas”.^{54[54]}

O corpo é o templo do Espírito Santo. como diz S. Paulo em suas cartas, é comunhão, é harmonia (1 Cor 3,11; 6,19; 12,12-30; 2 Cor 6,16; Rom 12,3-5). O Corpo de Cristo que nós comungamos todos os dias, oferece a possibilidade de nos comunicarmos com Ele através do seu Corpo. “*É meu corpo, tomai e comei, e o meu sangue tomai e bebei*”. Relação de comunhão profunda.

Devemos ajudar aos catequizandos a descobrir que o nosso corpo é o lugar privilegiado da oração. Rezar com o corpo é uma experiência única, mas muitas vezes não é valorizada e apreciada.

O valor do corpo como linguagem na comunicação pode libertar ou escravizar. Mas como catequizar através do corpo?

Na catequese também os gestos falam:

?? ? a maneira de acolher as pessoas;

?? ? a atitude durante uma celebração;

?? ? o modo de comemorar aniversários e festas da comunidade;

?? ? o tipo de relacionamento que se tem com o sacerdote, os coordenadores, as famílias, e os outros catequistas;

?? ? o modo de aplicar os recursos materiais disponíveis;

?? ? a maneira de vestir e de se apresentar do catequista;

⁵⁴CNBB, Texto-base da CF 1989, op. cit. p. 277.

?? ? a visita à casa do catequizando.

Gestos, expressão corporal em geral, também são usados em forma intencional como recurso didático:

- * para expressar sentimento na leitura de um salmo ou outro texto bíblico;
- * para acompanhar uma canção;
- * quando o catequista conta uma história;
- * em brincadeiras e dinâmicas de grupo.

Somos, em geral, muito bloqueados em termos de expressão corporal. Soltar o corpo é também uma forma de libertação para a qual a catequese pode contribuir.^{55[55]}

A dança, a música, o canto, a poesia, vivem em sintonia maravilhosa com a matéria que as revestem e todavia livres do peso e dos laços das suas leis físicas, manifestam os valores culturais de um povo. Podemos dizer que o corpo nos envolve em todo o nosso ser, viver e agir. A voz revela a minha situação interior e com os gestos a palavra manifesta e se completa na comunicação. Por exemplo, quando falo por telefone com alguém que me conhece, pelo tom com que falo, o outro reconhece se estou triste ou alegre e assim sucessivamente. O mesmo acontece com o canto, a música, revelam os nossos sentimentos, quando canto manifesto a minha situação interior. Portanto os gestos, os movimentos e toda expressão que assume o meu corpo, revela o meu íntimo.

“A palavra permanece o meio comunicativo por excelência, o sistema simbólico, soberano quando se quer transmitir conceitos ou cultura; mas

⁵⁵*Idem*, pp. 277-278.

a linguagem do corpo é o lugar privilegiado para a manifestação dos sentimentos e do universo emotivo da pessoa”.^{56[56]}

O corpo comunica por meio da voz, do olhar, das expressões do rosto, por meio dos gestos, das mãos, dos pés, por meio do comportamento, da posição e de como você anda, se veste, se alimenta etc. É um elemento constitutivo da vida do ser humano, é uma escola de imagens e de linguagens, que nos faz perceber quantos símbolos da fé utilizam a linguagem do corpo. Muitas experiências fundamentais se exprimem simbolicamente na linguagem do corpo.^{57[57]}

O corpo é o campo expressivo da pessoa: lugar onde as possibilidades humanas tomam forma e se concretizam; é o lugar de toda humanização, portanto de toda cultura.

Lugar de comunicação, podemos colher diante da riqueza da linguagem do corpo nas suas várias partes, participam e comunicam. As mãos, assumem significados ricos e diversos e participam diversamente da linguagem construindo assim várias linguagens.^{58[58]}

Como hoje recuperar ou propor o valor do corpo na ótica da fé, como catequizar por meio do corpo?

A linguagem gestual fala mais alto e muitas vezes o seu grito é em vão. O catequista é chamado a descobrir a força desta linguagem com o meio vital que é o seu próprio corpo.

⁵⁶Giuseppe COLOMBERO, op. cit. p. 38.

⁵⁷Cf. Erich FEIFEL, *Simboli Religiosi*, in DIZIONARIO DI CATECHETICA, a cura di Joseph GEVAERT, Elle Di Ci, Leumann Torino, 1986, p. 583-586.

⁵⁸Cf. Kipoy POMBO, *Chi è l'uomo*, Benedettine Editrice – Parma, 1999, pp. 111-113.

A linguagem revela o seu ser por meio de suas expressões. O catequista se comunica por meio do seu corpo. O homem é um ser em relação e se relaciona através do corpo.

“O estar em situação em relação advém à pessoa pelo fato de que ela é corpo (se fosse espírito ou anjo não teria esses problemas). A pessoa não tem um corpo, mas é corpo. A visão essencialista reduz a pessoa à alma e vê o corpo ou como obstáculo ou como instrumento... [...] Todo o corpo adquire assim valor de linguagem, é linguagem; a própria sexualidade é linguagem. O homem é uma linguagem total”.^{59[59]}

A sexualidade humana não é somente uma realidade instrumental, ao serviço de determinados objetivos, como a transmissão da vida. É uma forma de linguagem que permite ao homem de comunicar e colocando-o em relação com o outro, diferente e complementar, o exprime e o realiza.

Deste modo o corpo não é somente o campo da vida, é a linguagem básica que permite à vida de fazer-se comunicação e comunhão. Por meio da sexualidade, o corpo é chamado a fazer-se linguagem do amor e abertura à vida. Este chamado é imprimido nas estruturas do ser humano das expressões corporais. A linguagem do corpo não é totalmente arbitrária, ela se relaciona com os significados que entram a constituir a verdade profunda do homem.

Falando da linguagem do corpo, o homem revela a verdade profunda de si da qual ele é feito. A fidelidade a esta verdade é para o homem uma clara responsabilidade moral. A humanidade do nosso corpo se define em base ao seu ser princípio de vida pessoal. O Corpo de uma pessoa, ou seja de um Eu

⁵⁹Rossana CARMAGNANI – Mario DANIELI, *Ser para o outro*, op. cit. p. 18.

interpelado por um Tu, chamado ao encontro e à comunicação interpessoal.^{60[60]}

É necessário saber interpretar e reconhecer as expressões do corpo que nos revela sempre uma mensagem. A criança comunica desde a sua concepção, quando nasce chora, olha, se comunica como pode com o corpo e a mãe é chamada a reconhecer esta linguagem, com os olhos, o sorriso o espreitar ou balbuciar da criança, que transmite uma mensagem.

Outro aspecto da linguagem corporal que é importante é o olhar. Ele tem uma intensa relevância comunicativa. Quando por exemplo alguém te escuta, se entra em contato primeiro com o olhar antes da voz. O olhar rompe a distância em uma comunicação e cria presença. Um amigo torna-se presente com o olhar. Com ele revelo quem sou. Jesus no evangelho nos diz que o olho é a luz do corpo.

Algumas pessoas falam com os olhos, sorriem com os olhos e choram com os olhos, manifestando assim toda a sua pessoa. Quando dizemos com certas frases: “*Entendi tudo com um piscar de olho*”, “*lhe disse com o olhar*”, “*Me disse tudo com o olhar*”, “*há dois olhos que falam*”.

Quando quero comunicar algo para alguém, fixo nos olhos. Quer dizer entro em relação profunda com o outro e deixo que o outro entre em mim e participe da minha realidade, demonstrando acolhida, interesse e amor.

O nosso modelo é Jesus, Ele utilizou com os seus interlocutores a linguagem do corpo. Ele curava tocando as pessoas. Muitas vezes deixou-se tocar por elas. Exemplo: as crianças, a pecadora, a mulher que sofria de hemorragia, Tomé. Usou a linguagem corporal, as mãos, o olhar, o abraço, a

⁶⁰Cf. Guido GATTI, *Corporeità*, in DIZIONARIO PASTORALE GIOVANILE, a cura di Mario MIDALI – Ricardo TONELLI, Elle Di Ci, Leumann Torino 1989, pp. 175-181.

saliva. A relação que ele instaura com as pessoas foi e é algo que fascina, que toca o coração. Fixou o olhar no jovem rico, Judas, Pedro, Maria, a João e outros. E ao longo da história na vida de cada um de nós.

É importante colher o olhar de Jesus quando comunica com o Jovem rico em Mc 10,17-27, e com Pedro no momento da sua traição em Lc 22,61-62.

Estas são apenas algumas pinceladas pois reconheço que é um campo amplo. Com o corpo humano comunicamos e catequizamos o homem de hoje fazendo-o descobrir a grandeza e o valor que ele é e possui.

c) O canto e a música

Um jeito antigüíssimo e admirável de comunicar a fé é o canto. Os Atos dos Apóstolos nos narram que Paulo e Silas, quando estavam na prisão “cantavam e rezavam hinos a Deus. E todos os que estavam lá os escutavam” (At 16,25).

O canto possui um valor comunicativo, com a força da vibração emotiva, sonora rítmica, luminosa, elementos próprios do canto e da música. “Considero o canto como comunicação verbal e não verbal juntamente, porque os elementos não propriamente conceituais superam muito mais aqueles racionais. A música então tem uma força evocativa imensa”.^{61[61]}

Mas como afirma Martini, esses valores são percebidos na vida de quem toca, de quem canta, de quem dirige e de quem escuta e participa.^{62[62]}

⁶¹Carlo Maria MARTINI, *Effatà “Aprimi”*, Centro Ambrosiano, Milano, 1990, p. 93.

⁶²Cf. *Idem*.

A música no seu significado social, não é objeto de muita atenção por parte dos estudiosos da comunicação. É, no entanto, um importante instrumento de socialização; o seu valor, o seu conteúdo, a sua mensagem. Essa continuou a responder aos valores tradicionais e as necessidades pessoais.

A música no programa catequético, na vida de um grupo, incentiva muito aos adolescentes e jovens. Sobretudo porque são convidados a manifestar alegria de viver, de celebrar, de fazer festa.

A música na cultura do povo brasileiro é como o sangue que corre nas veias. É um elemento vital. Então constatamos que para atingir o coração das crianças, adolescentes, jovens e adultos na catequese, a música e o canto ocupam um papel muito importante.

O musical é um meio de catequizar diferente, que pode tornar-se marcante nos catequizandos por ser um acontecimento diferente nos encontros de catequese. É um novo jeito de catequizar.

Se soubermos desenvolver as possibilidades que oferecem, favorecendo o crescimento do grupo em conhecimentos, nas relações de testemunhos. Para realizar isso se requer tempo, fadiga e sobretudo aprender a trabalhar em equipe.

O musical favorece aos adolescentes, num processo de amadurecimento, os valores cristãos, que muitas vezes não são levados em consideração.

Torna-se não somente um método novo de catequizar, mas também um jeito novo de aprender a conhecer Jesus Cristo e o seu mistério e o mistério da Igreja por meio do canto. Um jeito novo de anunciar o evangelho em clima de festa. *“Eu me tornei cantor religioso, quando eu descobri a graça de cantar.*

Vai conversar com seus irmãos cantando que a canção ajuda o povo a caminhar” (Pe Zezinho).

A música, às vezes, comunica muito mais que um discurso, um encontro catequético, uma pregação do padre lá no altar. Porque mobiliza a parte emotiva da pessoa e o povo brasileiro é um povo emotivo. Na catequese não se canta só porque se gosta de cantar, mas se canta, porque o canto ajuda na assimilação da mensagem e do conteúdo que se deseja transmitir. Ajuda a expressar e alimentar os sentimentos.

O canto pode ser memorizado, repetido em diversas maneiras. Assim torna-se um meio para memorizar o que foi refletido, é um meio para levar aos outros fora do ambiente da catequese, porque é mais fácil que o catequizando cante em casa uma canção que ele aprendeu e gostou, que repetir o que foi refletido e explicado pelo catequista no encontro. Uma vez falando sobre a criação para crianças, ensinei um canto com gestos. Elas aprenderam não somente a memória, mas cantavam em casa, na rua, na escola e na catequese. Aprenderam e comunicaram a mensagem com o canto e o corpo.

Para que isso aconteça é importante que na catequese exista uma equipe que selecione os cantos de acordo com os temas que serão apresentados. É necessário porém haver alguns critérios:

- ?? ? Escolher cantos adaptados à realidade dos catequizandos;
- ?? ? Verificar a linguagem, a letra e a música do canto;
- ?? ? Analisar que tipo de doutrina o ideologia está por detrás, e a mensagem do canto;
- ?? ? Respeito pela preferência cultural (ritmo, estilo, história do povo que usa o canto);

?? ? Respeitar as normas litúrgicas (quando se trata de cantos para as celebrações), a catequese utilizará também a música popular para:

1. Analisar os valores da sociedade na qual são oprimidos;
2. 2. o compositor, é um artista, um profeta, que percebe e revela em geral com mais sensibilidade que as pessoas comuns, os problemas, as angústias e as esperanças do seu tempo;
3. 3. Acolher o que o Espírito Santo semeou no meio do povo;
4. 4. Fazer com que o catequizando perceba que tudo pode ser lido à luz da fé, porque nenhuma coisa é neutra. Tudo o que o homem faz, diz e canta, há possibilidade de distinguir aquilo que é contra ou a favor do reino.^{63[63]}

Estamos diante de uma linguagem que comunica, que passa propostas, que orienta e escolhe os comportamentos, que suscita, incentiva a criatividade. Basta pensar à força contida em algumas canções latino-americanas em relação à libertação. A palavra da mensagem vem “acolhida” e “realizada”.

Como realizar um musical na catequese para que ela se torne comunicativa?

Eis um exemplo:

Tema: *Cantar a beleza da vida*

Objetivo: Favorecer que cada um descubra os seus próprios dons e a capacidade de transmitir a mensagem com o canto.

Meios ou canais: Aprender a rezar melhor através do canto, a comunicar melhor, a estabelecer relações de amizade com os outros, no respeito e na aceitação de si e dos outros, com as próprias qualidades e limitações.

Prepara-se um local com instrumentos musicais, como também no chão imagens de cantores famosos, seja cantores de cantos religiosos, que de

⁶³Cf. CNBB, Texto-base da CF 1989, op. cit. pp. 276-277.

cantos populares do Brasil e do mundo, livros de cantos, Bíblia. Tudo vem colocado no chão, e os adolescentes são convidados em primeiro lugar a observar tudo com muita atenção em silêncio (pode-se colocar um fundo musical bem suave, depois sentados ao redor dos objetos, são chamados a expressar o que viram e para que são úteis).

Destinatários: Cada adolescente de 14 a 17 anos. Eles são convidados a expressarem em poesia a realidade na qual vivem, ou à luz da Palavra de Deus; também do ambiente no qual vivem, na família, escola, sociedade, grupo de catequese e comunidade. Pode procurar uma música que corresponda à realidade da letra e adaptá-la, ou criar a própria música.

Usar papel, caneta e instrumentos musicais, se souberem usá-los. Se não souberem tocar, os comunicadores organizarão uma orquestra musical para acompanhar o musical. Podem convidar os próprios músicos da equipe de liturgia da comunidade paroquial ou amigos que sabem tocar qualquer instrumento para acompanhar.

Os destinatários no dia da realização do musical, convidarão todos os pais, colegas da catequese da paróquia, como todos os adolescentes da cidade.

Durante o musical deve haver um jurado, como também alguns cantores e músicos espertos para enriquecer a festa.

E no final do musical todas as canções serão selecionadas e poderão ser cantadas seja nas celebrações eucarísticas, encontros de catequese, recreações e animações como resposta ao evento.^{64[64]}

⁶⁴Cf. Claudio PIGHIN *Missione e Comunicazione*, EMI, Bologna, 1998; Commissione Audiovisivi dell'Ufficio Catechistico di Bergamo. *COMUNICARIO*, mezzo didattico e loro utilizzo nella catechesi, EDB, Bologna, 1994; AA.VV. *L'arte di comunicare*, Ed. Paoline, Roma, 1990; e CNBB, *Texto-base da CF 1989*.

d) A foto

A partir do início do século XIX a palavra “fotografia”, tornou-se sinônimo de tudo o que há qualquer coisa a que vê com o mundo das imagens fixas; o termo vem inventado, a quanto parece, pelo astrônomo Sir John Herschel e se refere, literalmente à descrição da realidade por meio da luz.^{65[65]}

A foto “nos ajuda a ver melhor a realidade com um olhar novo e diferente sobre o mundo. Colhendo os elementos infinitamente pequenos e os astros mais distantes. A fotografia nos ensina a observar melhor a realidade e conseqüentemente a conhece-la mais profundamente e intimamente”.^{66[66]}

A foto, é comunicação, é instrumento de conhecimento, é um meio expressivo, é algo que faz parte do nosso modo de viver, da nossa cultura; “é uma técnica: é a arte de escrever com a luz”; não copia a realidade, mas a interpreta, mesmo quando procura fazê-la no modo mais objetivo. Do outro lado a foto é cheia de um elevado conteúdo, suscitando reações contrárias, determinando informações e sobretudo influencia muito sobre os nossos comportamentos.

Algumas fotos são ricas de conteúdos que ficam gravadas em nossa mente e outras são vazias, expressam sentimentos, emoções, mas logo desaparecem da nossa mente. É neste encontro entre a imagem e o conteúdo que acontece a verdadeira comunicação.

⁶⁵Cf. Lara GARCIA, *Fotografia*, in DIZIONARIO DI SCIENZE E TECNICHE DELLA COMUNICAZIONE, a cura di Angel BENITO, Edizioni San Paolo, Cinisello Balsamo Milano, 1996, p. 441-447.

⁶⁶*Idem*, p. 447.

A montagem de várias fotos pode ajudar a compreender a mensagem cristã. Por isso quando se escolhe uma montagem precisa ter bem claro a finalidade, a meta e o objetivo que se quer alcançar. Entre uma foto e outra deve haver:

- um relacionamento semelhante;
- um relacionamento de analogia;
- ou então uma relação de contraste tendo consideração do sujeito do conteúdo, das imagens, dos efeitos cromáticos (cores) dos efeitos plásticos (luz/sombra), dos aspectos expressivos e comunicativos.^{67[67]}

Comunicar por meio da foto na catequese e como valorizar essa possibilidade e que método usar? A foto comunica, o catequista é chamado a saber interpretar esta mensagem. Todos tiramos uma foto, mas quantos sabemos bater uma foto que seja rica de significados, que transmitam uma mensagem?

A foto tem a sua linguagem e os seus códigos. Por exemplo: uma foto fala através do seu sujeito e a sua relação com o mundo que o circula, por meio do enquadramento, angulação, os campos e a dimensão, a luz, as linhas, as formas, os espaços e as cores. Todos estes elementos são como as cordas de um violão que devem vibrar para dar uma harmonia em comunhão com os outros elementos de uma orquestra.

“A foto vem olhada com os olhos, mas escutada por todo o nosso ser, se isto é disponível para acolher as vibrações secretas que esta desperta em cada um segundo a experiência, a cultura e a sensibilidade pessoal”.^{68[68]}

⁶⁷Cf. AA.VV. *L'arte di Comunicare*, op. cit. p.105.

⁶⁸*Idem*, p. 107.

Na leitura e na escuta de uma foto ha sempre uma procura pessoal, por que essa é a expressão mais comum. Para isso é necessário:

- ✍ aspecto representativo (o que vemos);
- ✍ aspecto formal (as líneas e as formas que se alternam na foto);
- ✍ aspecto ambiental e sócio cultural;
- ✍ aspecto sensorial, psicológico e emotivo.^{69[69]}

A linguagem audiovisual, na medida em que a imagem e o som são artisticamente selecionados, há sem dúvida um valor evangelizador. É importante o aspecto da qualidade do audiovisual na catequese. É fundamental tomar consciência de que “uma imagem não é boa catequeticamente pelo fato de ser esteticamente perfeita, mas por que esteticamente falando brota naqueles que a olham um coeficiente de reação espiritual válida: é capaz de fazer aparecer o que no homem é profundo, absoluto, intenso, total”.^{70[70]}

Esse é um dos critérios importantes a ser observado na escolha das imagens para transmitir uma mensagem na catequese.

A linguagem audiovisual, assim sendo, exige um tipo de catequista: menos professor, no sentido escolástico da palavra, mais profeta, mulher e homem de comunicação! A catequese audiovisual, não consiste em ilustrar um encontro ou expressar a mentalidade das coisas na projeção! Mas revela o sentido, a tonalidade, as possibilidades e a profundidade das coisas vistas e vividas pelo homem. Não uma catequese cheia de doutrinas, mais uma catequese que confesse Jesus Cristo através das realidades visíveis de hoje.

⁶⁹*Idem*, pp. 107-110.

⁷⁰Pierre BABIN, *Uomo nuovo cristiano nuovo nell'era elettronica*, Edizione Pauline, Roma, 1979, p. 155.

É necessário, portanto, no audiovisual não somente a preparação técnica, que é importante, mais criar harmonia de “palavras – imagens sons” que sejam espiritualmente significativos. Aqui está o verdadeiro desafio para o catequista.^{71[71]} Podemos dizer que o catequista é um profeta que como Cristo torna-se um elemento de ruptura para o seu tempo.

“Prorromper na história da Palavra de Deus precisa encontrar no catequista um verdadeiro testemunho que saiba renovar as modalidades do anúncio assumindo uma linguagem que corresponda à cultura de hoje e faça compreender a Revelação aos homens de hoje”.^{72[72]}

A imagem na comunicação pode ser: a foto, o desenho, o cinema e ícone. A imagem é uma forma de comunicação icônica – visual, baseada sobre o “ver”. Para compreender a mensagem que uma imagem quer comunicar, necessitamos de alguns critérios:

- ?? ? Imagem imediata (a foto);
- ?? ? Imagem estilizada (o cartaz, ou manifesto);
- ?? ? Imagem abstrata (um quadro).

e) A técnica e o material

Qualquer atividade ou trabalho requer um método que facilite a função do catequista e animador. Não basta somente o lápis e o papel, requer uma técnica. Como fazer um cartaz, um manifesto para a catequese? Deve-se ter presente: preto/branco, colorido, que medida, a linguagem das cores e para os destinatários (crianças, adolescentes, jovens adultos).

⁷¹Cf. *Idem*, p. 62.

O manifesto, o que é? Meio publicitário de comunicação que utiliza médias e grandes superfícies de carta imprimidas com uma ou mais cores. A função deste meio de comunicação é, não somente a propaganda, mas também educativa em um sentido estético amplo e sábio.

Para que na catequese o manifesto seja eficiente, deve ser rápido; provoque um efeito imediato em quem o vê, sem perder muito tempo com as particulares imagens. Requer formas simples, grandes e naturais. Com as mensagens sintéticas, desfrutando as figuras retóricas quais: metafórica, simbólica e sinédoque. Não por isso deve perder o seu valor artístico, mas um manifesto deve ser, antes de tudo, visível no verdadeiro sentido da palavra.

Existem paróquias que já iniciaram, mas sabemos que em algumas realidades o catequista torna-se artista, usando aquele “*jogo de cintura*”, pois muitas vezes encontra-se em realidades de extrema pobreza neste nível.

Existem vários materiais que podem ser usados na catequese para que tenha maior participação e interesse por parte do catequizando. Eis alguns:

- ?? ? Quadro negro ou mural;
- ?? ? Papelógrafo;
- ?? ? Flanelógrafo;
- ?? ? Cartaz de pregas;
- ?? ? Recortes;
- ?? ? Jogos;
- ?? ? Disco e toca-disco e CD
- ?? ? Vídeo-cassete e slides;
- ?? ? Retoprojetor;
- ?? ? Modelagem;

- ?? ? Desenho;
- ?? ? Dramatização;
- ?? ? Expressão corporal;
- ?? ? Pesquisas e entrevistas;
- ?? ? Fantoques;
- ?? ? Cartazes.

O cartaz, para a catequese é muito importante, e a gente se pergunta: como apresentá-lo? Aproveitando o valor da linguagem das cores, com essa técnica, o catequista pode também tentar compreender e se inteirar com os seus destinatários.

Portanto uma programação correta, permite ao catequista de utilizar nos tempos e momentos certos toda aquela multiplicidade de instrumentos didáticos da qual hoje pode-se dispor.

2.3. O audiovisual na catequese como planejamento diocesano e paroquial

Hoje em um planejamento catequético diocesano e paroquial é necessário antes de tudo que a diocese e a paróquia assumam a catequese como prioridade no seu projeto pastoral. Assumindo uma catequese cada vez mais renovada, partindo da renovação dos catequistas, de uma catequese com mais experiência encarnada na vida.

“Quanto mais a mesma Igreja em plano local ou universalmente, se demonstrar capaz de dar a prioridade à catequese – em relação a outras obras e iniciativas cujos resultados seriam mais espetaculares – tanto mais ela encontrará na catequese um meio para a consolidação da sua vida interna de

comunidade de fiéis, bem como da sua atividade externa enquanto missionária".^{73[73]}

Talvez o contraste maior entre a catequese pré-conciliar e a atual realidade catequética está justamente na linguagem audiovisual, como já vimos quando falamos da linguagem. Aquela estruturava-se em definições claras, precisas, através das quais chegava-se a imperativos morais e a argumentos para defender a fé. Tal linguagem prestava-se mais para a classe docente, que precisava de explicações de um vocabulário teológico abstrato e técnico, que parecia inerente à religião.

João Paulo II, recomenda aos bispos *“que a preocupação de promover catequese ativa e eficaz não ceda nada frente a qualquer outra preocupação, seja ela qual for”*.^{74[74]}

Na América Latina, as Conferências de Medellín (1968) e Puebla (1979), despertaram e incentivaram a catequese para a realidade concreta.^{75[75]} *“A catequese na América Latina vem procurando realizar-se em estreita ligação com a realidade da vida, para a construção de comunidades de fé. Neste sentido vem levando os catequistas a caminharem com os mais pobres e oprimidos e a partilharem as suas angústias, lutas e esperanças”*.^{76[76]}

A catequese no Brasil, foi impulsionada pela ação de Pio X com a Encíclica *Acerbo Nimis* (de 1905); pelo catecismo dos Bispos das Províncias Meridionais do Brasil; em 1940 por Mons. Álvaro Negromonte com o método integral (firmes na fé fortes no amor e plenos de esperanças); na década de

⁷³JOÃO PAULO II, *Catechesi Tradendae*, op. cit. n. 15.

⁷⁴*Idem*, CT, op. cit. n. 46.

⁷⁵Cf. PUEBLA, op. cit. nn. 978-986.

⁷⁶CR, op. cit. n. 20.

1950 a 1960, pela criação do Instituto Pastoral Catequético, com o objetivo da formação de líderes catequistas.

Desde 1983 com o Documento n. 26 da CNBB: *Catequese Renovada* Orientações e Conteúdo, a catequese no Brasil teve grande impulso e animação. Hoje a dimensão Bíblico-Catequética busca valorizar a Palavra de Deus e fazê-la ecoar, através de novos métodos e novo vigor nas pessoas, nos grupos e nas comunidades integrando Fé e Vida, e Vida e Fé entre a Palavra de Deus, as formulações da fé e as situações da vida em todos os níveis: cultural, social, econômico, político e religioso.

Catequese Renovada (CR), apresenta algumas características positivas que vem tornando a nossa Catequese:

- *“uma inserção maior no conjunto de toda a pastoral;*
- *a apresentação de uma nova imagem da pessoa de Jesus Cristo e sua prática, da Igreja, e do homem;*
- *a consideração da pessoa humana como um todo, com seus direitos e deveres, suas dimensões individual, comunitária e social;*
- *a luta pela libertação integral do homem, reconhecido como sujeito de sua própria história;*
- *o relevo dado às comunidades eclesiais de base e à opção preferencial pelos pobres;*
- *a preocupação por um ensino sistemático dos conteúdos da fé, através de um roteiro nacional”.* ^{77[77]}

Não se trata de usar instrumentos caros e complicados, como já foi dito, requer muita criatividade por parte dos catequistas para usar o que tem à disposição; não esquecendo que o melhor audiovisual é o testemunho é como ele se apresenta, a maneira de se relacionar. Além disso o material didático não substitui a Palavra de Deus.

⁷⁷ *Idem*, n. 25.

Em nossa sociedade, o ser humano acostumou-se a receber mensagens por meio de imagem e cor, som (rádio, televisão, jornais, revistas, cinema, cartazes, internet e outros); na escola, as crianças e os jovens também são rodeados por audiovisuais (lousa, cartazes, slides, mapas, vídeo e outros); o comércio para vender mais usa os meios de comunicação para propagar o seu produto.

A catequese portanto, não pode deixar que todos esses recursos passem despercebidos. Mas para entrar na vida dos catequizandos a catequese é chamada a utilizar bem esses recursos audiovisuais desde o cartaz feito pelo grupo, com material de sucatas, até os projetores de slides e vídeo cassetes, eles são importante para hoje formar o catequizando partindo do seu mundo visual.

Três passos são importantes para realizar o projeto “audiovisual na catequese” em perspectiva diocesana:

- a. a. Formar uma equipe de comunicação a nível diocesano para agilizar a comunicação no campo da catequese;
- b. b. Formar coordenadores com todos os meios dentro da própria possibilidade, ao menos um por paróquia;
- c. c. Conseguir mais recursos econômicos para a catequese oferecendo, assim, não somente o quadro e o giz, mais também papel, pincel, slides, projetor, vídeo, televisor, cassetes, CD e outros.

O material é importante mas não esquecendo que o principal é o catequizando, que requer ser acolhido, conhecido, amado, preparado e acompanhado neste caminho de crescimento e no conhecimento da pessoa de

Jesus Cristo. Todos os meios devem conduzir e colaborar neste encontro pessoal e comunitário com Deus e com os irmãos.

Mas me pergunto: audiovisual é uma linguagem ou um meio? Para maioria é simplesmente um meio a ser usado para potencializar e aumentar a aprendizagem. Uma montagem, uma foto-linguagem para comunicar, um filme que chame a atenção. Conseqüentemente o problema está em encontrar o melhor meio audiovisual para fazer uma catequese atraente, compreensível e vivenciada.

Por “*audiovisual, se entende um complexo de instrumentos pedagógicos que usam a imagem, o som ou uma combinação dos dois com a palavra, ao serviço de uma mensagem ou de um ensinamento a transmitir*”.^{78[78]}

Uso dos Meios audiovisuais para a comunicação da fé mais usados são: Slides, lousa; montagem audiovisual, filme, vídeo, tele-vídeo e vídeotel.^{79[79]}

É importantíssimo que nas dioceses, nas paróquias existam pessoas preparadas não somente no saber usar o audiovisual como também a sua linguagem.

“Desde o ensino oral dos Apóstolos e das Cartas que circulavam entre as Igrejas, até aos meios mais modernos, a catequese nunca deixou de procurar as vias e os meios adaptados para desempenhar sua missão, com a participação ativa das comunidades, sob o impulso dos Pastores. E, nesta mesma linha, tal esforço tem de continuar. Espontaneamente vem me ao pensamento as grandes possibilidades que oferecem os meios de comunicação social e os meios de comunicação de grupos: televisão, rádio, imprensa, discos, fitas, magnéticas, enfim, todos meios audiovisuais”.^{80[80]}

⁷⁸Pierre BABIN, *La Catechesi nell'era della Comunicazione*, op. cit. p.173.

⁷⁹Cf. *Idem*, op. cit. p. 173.

⁸⁰CT, op. cit. n. 46.

O audiovisual como projeção na catequese, coloca o grupo diante não de um texto escrito, mas de um conjunto feito de imagens, músicas e palavras. Três momentos importantes no desenvolvimento audiovisual:

- a. a. Expressão que estabelece um diálogo e uma partilha;
- b. b. Reconstrução sintética do fato e da história;
- c. Individuar se a mensagem é antropológica, teológica, ético espiritual e individuar e procurar referimentos bíblicos.

“A nossa lentidão em entrar no mundo dos MCS, as nossas hesitações em contribuir financeiramente a grandes projetos audiovisuais não colocam em questão o nosso espírito missionário, ou muito simplesmente, a qualidade do nosso cristianismo? O maior centro televisivo guiado por católicos no mundo encontra-se nos Estados Unidos. Estatisticamente falando é sem dúvida que na Ásia e na América Latina o investimento das Igreja para a mídia em finanças, em materiais e em pessoas, é largamente superior ao investimento da Igreja na França. Nos tornaríamos pessoas assim sábias e inteligentes que, segundo a palavra de Jesus, são “ocultas aos sábios e doutores e reveladas aos pequeninos” (Mt 11,25)”.^{81[81]}

2.3.1.O audiovisual no Brasil

A história do audiovisual catequético, no Brasil, toma corpo só a partir da fundação da Sociedade Civil “Sono-Viso do Brasil”, no Rio de Janeiro, aos 28 de dezembro de 1967, e a produção de material a partir de julho de 1968. É fundada sem fins lucrativos, com finalidade pastoral e religiosa, muito logo percebeu que deveria constituir firma comercial, o que aconteceu em 19 de agosto de 1969. Sem desfazer a primeira sociedade, criou uma segunda, com o nome de “Sono-Viso Produção Audiovisual Ltda.”, com objetivos

⁸¹Pierre BABIN, op. cit. pp. 186-187.

claramente comerciais: indústria e comércio, importação e exportação de aparelhos, instrumentos, instalações, material e produtos audiovisuais em geral, planejamento e produção com fins educativos, recreativos e religiosos, cursos técnicos sobre atividades audiovisuais, edição de folhetos e boletins técnicos, de revistas e livros técnicos.

O fundador foi o padre dehoniano José Engel. No início contou com o apoio direto da CNBB, que tinha então, sua sede no Rio de Janeiro e da Conferência dos Religiosos do Brasil (CRB). Buscava assessoria junto ao Instituto Superior de Pastoral Catequética – (SPAC), hoje extinto.

Apesar de muitas dificuldades, a Sono-Viso, que produziu mais de 800 coleções de slides, entrou na história da catequese e dos Meios de Comunicação católicos do Brasil. O livro lançado pela Sono-Viso em 1980 *Audiovisual: Linguagem e Técnica*, de Paulino Cabral de Mello, com 292 pp. ilustradas, tornou-se o manual de muitos centros diocesanos e/ou paroquiais. Em 1992 a Sono-Viso passou para a Editora Vozes, tornando-se seu Departamento Audiovisual. Aliás, já em 1973/1974 a Vozes pensou em entrar no campo audiovisual, como suplemento necessário do livro. Chegou a montar stands especiais em suas livrarias. Seu maior sucesso foi a venda da coleção de 526 slides “Cristo na sua Terra”, hoje esgotada.

Em 1970, os Salesianos fundaram o Centro Gaúcho de Audiovisuais, em Porto Alegre. Além de produzir, o Centro oferece assessoria em paróquias e colégios. Sua linha mais procurada é a Bíblica, seguida do que poderíamos chamar de temática social.

Em 1973 também Edições Paulinas começam a produzir audiovisual, sobretudo catequético, e desenvolvem vários projetos através do Instituto

Dom Alberione Comunicação Edições Paulinas (COMEP). Também a Verbo Filmes, tem produzido audiovisuais.

Há várias instituições que produzem, ainda que em escala pequena, audiovisuais, como o Conselho Indigenista Missionário (CIMI) fundado em 1973. O Centro de Pastoral Vergueiro, o Centro Mandacarú (Teresina), a Pastoral da Juventude (Porto Alegre), a Arquidiocese do Rio de Janeiro, o Centro de Treinamento e Produção Audiovisual – (CETA). Este é um projeto ligado ao IBASE, que oferece material e cursos em técnicas básicas de audiovisual para grupos organismos e entidades interessadas. Não é um projeto de Igreja, mas sua orientação se aproxima muito da catequese e seus clientes são as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) e grupos organizados de bairro, muitas vezes estes, ligados à Igreja.

Não há dúvidas que o desenvolvimento da comunicação popular, nos anos 70, favoreceu a produção de audiovisuais. Houve certos momentos em congressos e encontros latino-americanos em que se pôs nos micro-meios audiovisuais toda a esperança da catequese e educação futura do Continente, já que grande porcentagem de latino-americanos continuava analfabeta. No início da década de 70 chegou-se a projetar, com a ajuda de comunicadores e catequistas brasileiros, o Centro de Linguagem Audiovisual para a Evangelização – (CLAVE), com sede no México. Em 1976 a própria CNBB, através da Sono-Viso, lançou uma série de audiovisuais (várias coleções), que tinha como tema central “*A fraternidade no mundo de hoje*”.

A CF tem ensejado no Brasil, ano pós ano, a produção de coleções de slides (e nos últimos também de vídeo) sobre os respectivos temas. Várias

dioceses fazem seu próprio audiovisual para a Campanha da Fraternidade, acentuando os problemas e necessidades da região.^{82[82]}

A catequese vem integrada com todas as outras pastorais dentro da caminhada da comunidade. A comunidade catequizadora favorece o crescimento dos seus membros no conhecimento da pessoa de Jesus Cristo e do compromisso com os irmãos.

⁸²Cf. CNBB, Estudos, n. 72, *Comunicação e Igreja no Brasil*, Paulus, São Paulo, 1994, pp. 101-105.

CAPÍTULO III

A MENTALIDADE AUDIOVISUAL

3. Hoje como entender a mentalidade audiovisual

Para entender uma realidade percebemos que o primeiro passo a ser dado é o conhecimento não só dos destinatários, como é o seu mundo e a linguagem que ele entende, mas também o conhecimento dos instrumentos. Nota-se quanto é necessário que a catequese seja capaz de ler com uma ótica diferente a realidade da vida, que sempre esteve diante dos seus olhos. Muitas situações hoje evidenciam que a catequese nem sempre comunica a Boa Nova como deveria. Ao longo da história percebemos como a Igreja procurou transmitir a Boa Nova do Reino.

Antes de falar dos MCS existentes na Igreja, vejamos em que modo a Igreja, desde a sua origem, recorreu a todos os meios disponíveis nas diversas culturas e circunstâncias históricas.

Desde o nascimento da Igreja, no dia de Pentecostes, para levar a Boa Nova do Reino, esta usou a pregação espiritual e a comunicação interpessoal como fez Filipe e os Etíopes nos Atos dos Apóstolos (8,26-40). Aliás pode-se dizer que o livro dos Atos dos Apóstolos pode ser visto como o primeiro livro sobre a comunicação da Igreja.

Com o passar dos séculos a Igreja continuou a comunicar não só com a pregação mas com a sua arquitetura e junto a arquitetura usou a pintura para comunicar a sua fé. Graças à pintura a Igreja conseguia comunicar a mensagem do Evangelho também aos simples e àqueles que não sabiam ler.

Por volta de “600” Gregório Magno juntou à pregação a música como um meio de comunicação da Igreja. Sobretudo na época barroca, o teatro e a dança eram os outros dois fundamentais meios de comunicação da Igreja. Também os sacramentos eram e são ainda hoje oportunidades de comunicação interpessoal em particular o sacramento da reconciliação.

Todos estes exemplos mostram que a Igreja já bem antes da introdução dos “*mass media*”, tinha a sua disposição vários MCS para difundir, manter e aprofundar o Evangelho.

No documento EN, Paulo VI apresenta oito “vias” ou meios de evangelização (que são também meios de comunicação) e os define como “os meios mais adaptados e mais eficazes para comunicar a mensagem evangélica aos homens do nosso tempo”. Entre estas “vias que, por uma razão o por outra, tem uma importância fundamental” Paulo VI recorda: o Testemunho de vida; a Pregação vivente; a liturgia da Palavra; a Catequese; a utilização dos “*mass media*”; o indispensável contato pessoal; os Sacramentos; a Religiosidade popular.^{83[83]}

A Igreja pode enfim ser proprietária dos meios e ter-lhes à sua disposição, como também pode procurar a colaboração com os proprietários leigos. A escolha de adotar uma ou outra possibilidade depende das condições locais, à sua vez determinante da situação cultural, de um determinado país ou área.^{84[84]}

⁸³PAULO VI, EN, op. cit. nn. 40-48; 57.

⁸⁴Cf. Franz Josef EILERS, *Comunicare nella comunità*, Editrice Elle Di Ci, Leumann, Torino, 1997, pp. 242-243.

3.1. A partir da Igreja

É a primeira vez na história da Igreja que um Concílio ecumênico trata sobre os instrumentos de comunicação social, publicando no final um documento oficial, o decreto *Inter Mirifica*. Somente a partir do Concílio Vaticano II a Igreja deu maior atenção à realidade dos Meios de Comunicação Social valorizando a força e a importância deles na Evangelização.

“Nasce um novo conceito na expressão “comunicação social”. A comissão preparatória retém então que, a expressão como “técnica de difusão,” “instrumentos audiovisuais,” mass-media “ou comunicação de massa” não expressassem adequadamente as preocupações, as necessidades e as perspectivas da Igreja. A comunicação não pode ser reduzida a simples instrumentos técnicos de transmissões, mas sobretudo vai considerada como um processo entre os homens. Assim a expressão proposta foi “instrumentos da comunicação social,” que não aparecia a mais adaptada a tornar a idéia da comunicação que circula entre os seres humanos na sociedade contemporânea, mas permitia também de ir além da mass-media (imprensa, rádio, televisão e cinema)”.^{85[85]}

É com este decreto que se estabelece a jornada mundial da comunicação social: *“Comemore-se em todas as Dioceses um dia, no decorrer do ano, no qual os fiéis sejam instruídos sobre as suas obrigações nesta matéria, sejam convidados a rezar por esta causa”*.^{86[86]}

O Concílio recomenda o respeito por este dia, que vem observado anualmente desde 1967. As mensagens do Papa escritas nesta ocasião são contribuições preciosas ao pensamento da Igreja sobre os diversos aspectos da comunicação social.

⁸⁵Franz-Josef EILERS–Roberto GIANNATELLI, (a cura di), *Chiesa e Comunicazione Sociale*, I Documenti Fondamentali, Editrice Elle Di Ci, Leumann, Torino, 1996, p. 60.

⁸⁶Cf. DECRETO CONCILIAR *Inter Mirifica* op. cit. n. 18.

“Todo o magistério de João Paulo II, foi ligado ao tema e à obra evangelizadora. As suas numerosas viagens são o primeiro testemunho visível de uma Igreja que tem vontade de ser presente no mundo, perto daqueles que acreditam, mas também daqueles que não acreditam, de uma Igreja que tem vontade de abraçar toda a terra. E essas suas viagens propagadas pelos jornais, rádio e televisão fizeram tomar concretamente consciência a quem ainda tinha dúvidas, de como os instrumentos de comunicação social, apesar dos problemas de gestão e de interferência política..., podem ser utilizados a “serviço” do Evangelho”.^{87[87]}

A partir de 1968 esse dia teve sempre um tema especial. Alguns temas dos últimos anos são: *Sustentados pelo Espírito, comunicar a esperança* (1998); *Mass-media: presença amiga junto a quem procura o Pai* (1999); *Anunciar Cristo nos Meios de comunicação ao nascer do novo milênio* (2000); *“Anunciai dos telhados” o Evangelho na Era da Comunicação Global* (2001).

Na maioria dos países, este dia é celebrado normalmente no mês de maio, entre o domingo da Ascensão e o Pentecostes. No Brasil os bispos acharam melhor unir ao Dia Nacional das Comunicações, 5 de maio, criado pelo Governo Médici para comemorar o descobrimento das redes de telefonia e televisão do País. Mas já o Papa Pio XII tinha proposto esse dia, dedicado ao cinema, porém deixando aos bispos de introduzir *“lá onde fosse oportuno”*,^{88[88]} renovando as válidas instruções dadas pelo predecessor Pio XI: *“Procurem pois os bispos de todo o mundo de ilustrar aos industriais do cinematográfico, que uma força assim potente e universal pode ser utilmente direcionada a um altíssimo fim de melhoramento individual e social”*.

⁸⁷Maria Cristina CARNICELLA, *Comunicazione ed Evangelizzazione nella Chiesa*, Paoline, Milano, 1998, pp. 55-56.

⁸⁸PIO XII, Encíclica *Miranda Prorsus*, cinema, rádio e televisão, 8 setembro 1957, in EE/6 Edizioni Dehoniane, Bologna 1995, n. 1475

Que as fitas magnéticas, devem com a sua magnífica força iluminar e positivamente conduzir ao bem. Continuando diz: “*Todos os pastores procurarão obter dos seus fiéis que façam todo ano, como os seus coirmãos americanos, a promessa de abster-se de filmes que ofendem a verdade e a moral cristã*”.^{89[89]}

O decreto conciliar também propõe a instituição no Vaticano de um setor mundial para os instrumentos da comunicação social (n. 19), respondendo a esta proposta Paulo VI institui em abril de 1964 com o slogan “*In fructibus multis*” (muitos frutos), uma comissão que a partir de 28 junho de 1968 passou a chamar-se: Pontifício Conselho das Comunicações Sociais. Em 1971, esta comissão publicou uma instrução *com a colaboração dos peritos de várias nações, uma Instrução Pastoral*;^{90[90]} é a Instrução Pastoral *Communio et Progressio*, que vem considerada como uma contribuição do Concilio Vaticano II à solução do problema constituído pelos MCS.^{91[91]}

3.1.1. Os Documentos Pontifícios e Conciliares

A primeira Carta Encíclica inteiramente dedicada aos meios de comunicação do século XX é *Vigilante Cura* de Pio XI publicada em 29 de junho de 1936. Ela se interessa de modo particular do cinema e de promover, a nível mundial, a sua realização.

⁸⁹ PIO XI, Enciclica *Vigilanti Cura*, *Gli spettacoli cinematografici*, 29 junho 1936 in EE/5, Edizioni Dehoniane Bologna 1995, nn. 1128-1130.

⁹⁰ Cf. DECRETO CONCILIAR *Inter Mirifica*, op. cit. nn.19 e 23.

⁹¹ Cf. Pontifica Commissione per le Comunicazioni Sociali, *Communio et Progressio*, Istruzione pastorale sugli strumenti della comunicazione sociale, 27 maggio 1971, in E/V. Vol. 4, EDB, Bologna, 1978, n. 801.

É uma Encíclica que contém três capítulos: o primeiro fala do contexto histórico; o segundo da parte doutrinal e o terceiro apresenta as conseqüências práticas.

Vinte um anos depois Pio XII escreveu *Miranda Prorsus*, em 8 de setembro de 1957 que deu continuação aos temas da *Vigilante Cura*.

Miranda Prorsus, trata na parte geral da doutrina cristã e da comunicação audiovisual e na parte específica do cinema, do rádio e da televisão, mas não acena a imprensa.

Alguns estudiosos retém que a qualidade deste documento não foi superada nem mesmo pelo decreto conciliar *Inter Mirifica*, e consideram bem próximo ao espírito da Instrução Pastoral *Communio et Progressio*, que será publicada somente em 1971.

Miranda Prorsus, foi unida aos outros ensinamentos de Pio XII e foi uma preciosa fonte de inspiração durante as fases de preparação do Concílio Vaticano II. Depois destas duas Encíclicas, o Concílio Vaticano II publicou aos 4 de dezembro de 1963 o decreto sobre os Instrumentos de Comunicação Social *Inter Mirifica*. Ele trata de duas questões: a primeira doutrinal e a segunda das atividades da Igreja.

Eis alguns pontos positivos deste decreto que apesar de ser reduzido somente em 24 parágrafos é rico:

- ?? ? É o primeiro documento oficial da Igreja sobre a comunicação social, elaborado no decorrer de um Concilio ecumênico;
- ?? ? Vem instituída a jornada Mundial das comunicações durante a qual vem tratado um tema particular proposto pela Santa Sé;
- ?? ? Vem introduzida a expressão “Comunicação Social” como nova denominação da comunicação eclesiástica;

?? ? Em Inter Mirifica, os Padres conciliares pedem e autorizam a elaboração de uma Instrução Pastoral Sucessiva que será (*Communio et Progressio*, 1971), sobre a dimensão Pastoral dos meios de comunicação e sobre a promoção e aplicações dos princípios conciliares (Cf. n. 23).

?? ? Aparece com clareza a exigência de fornecer uma adequada preparação e formação ao pessoal eclesial, aos comunicadores e aos receptores (nn.15-16);

?? ? Enfim, vem proposta a instituição junto à Santa Sé de um órgão permanente de comunicação social (n.19).

Outro documento conciliar é a Constituição dogmática *Lumen Gentium* que define Cristo como o Mediador que comunica por meio da Igreja (n. 8); outra grande Constituição Conciliar, *Gaudium et Spes*, ao n. 6 considera os “mass media” como instrumentos fundamentais para a mudança social e define Cristo como um comunicador, se bem que este termo não venha mais expressamente usado (n. 32). Também da adaptação da mensagem do Evangelho que implica o reconhecimento das novas comunicações (n.44), e da dimensão comunicativa insiste na relação entre cultura e fé (nn. 57-62).^{92[92]}

Não podemos esquecer outro documento do Concílio Vaticano II, a Constituição sobre a Liturgia *Sacrosanctum Concilium*, à qual fala das transmissões radiofônicas e televisivas das funções sagradas, sobretudo da missa (nn. 26 e 29).

Entre os outros documentos do Concílio lembramos a Constituição *Dei Verbum* que contém algumas reflexões sobre a dimensão teológica da

⁹²Cf. Franz Josef EILERS, *Comunicare nella Comunità*, op. cit. pp. 206-212.

Comunicação Social. Além disso, pode-se dizer que tudo aquilo que o Concílio disse sobre a proclamação da fé e sobre relativas atividades teológico - pastorais, como por exemplo a pregação (homilética) vem sempre paralela à comunicação social que como já foi dito outras vezes, vai bem além do simples uso dos meios técnicos.^{93[93]}

A Instrução Pastoral *Communio et Progressio*, pedida expressamente pelo Concílio em *Inter Mirifica*, foi elaborada pela Pontifícia Comissão para as Comunicações Sociais e publicada em 23 de maio de 1971. Este documento contém 187 parágrafos e hoje é considerado como um dos documentos mais profissionais e positivos sobre a comunicação social.

Encontramos nos nn. 68 que a comunicação social é uma contribuição fundamental para o progresso humano. E ainda nos nn. 101-180, encontramos os deveres dos cristãos em relação aos MCS. No n. 11, fala da Teologia da comunicação; n. 106, da formação e a comunicação; n.111, aos seminaristas; n. 117, aos institutos religiosos. Enfim, muito mais que em outros documentos, vem particularmente sublinhada a importância da pesquisa e do estudo (nn. 184ss) e das obrigações das organizações católicas dos *mass media*.^{94[94]}

Os Documentos sobre comunicação social publicados não pelo Papa nem pelo Pontifício Conselho das Comunicações Sociais mas por outros departamentos do Vaticano:

?? ? A Congregação para a Doutrina da Fé publicou em março de 1975 algumas diretrizes sobre a censura que em 1992 foram atualizadas segundo o Código de Direito Canônico de 1983, com uma emenda de

⁹³Cf. COMPÊNDIO DO CONCILIO VATICANO II, Constituição dogmática, *Dei Verbum*, sobre a Revelação Divina, Editora Vozes, Petrópolis 1977, n. 36.

⁹⁴ Franz Josef EILERS, *Comunicare nella Comunità*, op. cit. pp. 206-214.

outra instrução sobre alguns aspectos do uso dos instrumentos da comunicação social na promoção da doutrina da fé, documento dirigido sobretudo aos bispos e aos superiores religiosos;

?? ? A Congregação para a Educação Católica publicou aos 19 de março 1986, *Orientações para a formação dos futuros sacerdotes em relação aos Instrumentos da Comunicação Social*.

O Pontifício Conselho das Comunicações Sociais, por ser um órgão oficial por todas as questões relacionadas a Igreja e a comunicação social, publicou também outros documentos sobre temas particulares; entre estes citemos:

Pornografia e Violência nos meios de comunicação (7 de maio de 1989); no mesmo ano: *Critérios de colaboração ecumênica e inter-religiosa no campo da comunicação social*.

A segunda Instrução Pastoral do Pontifício Conselho das Comunicações Sociais, *Aetatis novae* (1992) é ligada, como indica o subtítulo, à *Communio et progressio*. Este documento “deseja refletir sobre as conseqüências pastorais” das modernas “revoluções tecnológicas” e sobre o fato que hoje “não tem lugar em que a mídia não faça sentir sobre as atitudes religiosas e morais, sobre os sistemas políticos e sociais, sobre a educação”.^{95[95]}

3.1.2. *Documentos da América Latina*

Medellín (1968), *Puebla* (1979), *Santo Domingo* (1992); neles estão contidas longas sessões sobre a situação latino-americana das comunicações e sobre exigências e possibilidades pastorais nesta área.

⁹⁵ Cf Pontificio Consiglio delle Comunicazione Sociali, *Aetatis Novae*, Istruzione Pastorale sulle comunicazioni Sociali, 22 febbraio 1992, EDB, Bologna, 1992, n. 1.

O documento de *Medellín* (CELAM), Conferência Episcopal latino-americana, contém no capítulo XVI uma sessão sobre a comunicação composta de 16 parágrafos que descrevem as situações locais das comunicações e a sua importância, fornecendo também as relativas recomendações pastorais.

O Documento de *Puebla* diz que a “*Evangelização, anúncio do Reino, é comunicação. Portanto, a comunicação social deve ser levada em consideração todos os aspectos da transmissão da Boa - Nova*”.^{96[96]} No n. 1064, diz que a comunicação nasce com o homem como ato social e vital e tem sido potencializada com os poderosos recursos tecnológicos. Por conseguinte, a evangelização não pode hoje prescindir dos meios de comunicação.^{97[97]}

Santo Domingo, apresenta mais ou menos oito números sobre a comunicação social e a cultura, evidenciando um esclarecimento teológico, apresentando os desafios deste desenvolvimento tecnológico, dizendo que são novos desafios na integração entre Igreja e mundo. Que esta comunicação é importante não somente para o mundo, mas para o interno da Igreja. Por fim, apresenta algumas linhas pastorais.^{98[98]}

3.1.3. Os documentos da CNBB (*Conferência Nacional dos Bispos do Brasil*)

Desde a fundação da CNBB (14 de outubro de 1952) o órgão de comunicação da Conferência no Brasil, sentiu a necessidade de comunicar

⁹⁶CELAM/*Puebla*, op. cit. n. 1063.

⁹⁷Cf. EN op. cit. n. 45 e *Communio et Progressio* op. cit. n. 1.

⁹⁸Cf. CELAM/SANTO DOMINGO, *Episcopato Latino Americano, IV conferenza generale*, 12 ottobre 1992, EDB, Bologna, 1992, nn. 279-286.

suas atividades e decisões. Em outubro de 1952 nasceu o *Comunicado Mensal* com dez páginas mimeografadas. Hoje o órgão oficial da Conferência, possuindo cerca de duzentas páginas de abundante informação, que revela a vida da Igreja no Brasil, seja internamente, seja em relacionamento com a sociedade.

Para levar o Concílio às bases, publicou, *Concílio em Foco*, em 1963 com trinta páginas semanais em convênio com a Editora Vozes. Passou a se chamar *Igreja em Foco*, em 1964, com edição quinzenal, em 1965 tornou-se mensal.

Para esclarecer prisões, denunciar torturas, defender agentes de pastoral e desfazer calúnias contra os bispos e setores da Igreja, durante o regime militar/policial, a CNBB criou o *Informativo* no dia 20 de fevereiro de 1969, como anexo ao Comunicado Mensal. Em substituição deste foi criado o boletim semanal *Notícias*, em 6 de março de 1970 que eram sempre mimeografados. Passou a ser impresso em gráfica em 22 de dezembro de 1977.

Ainda dentro do campo da Comunicação, a CNBB, publicou desde 1973 a chamada “*coleção azul*” dos documentos da CNBB através das Edições Paulinas que já são mais de 65. Desde 1974 editou também com as Paulinas a “*coleção verde*” dos Estudos da CNBB, já com mais de 70 títulos. Aqueles que destacam o tema da comunicação são:

✍ Documento n. 8 *Comunicação pastoral ao Povo de Deus*;

✍ n. 26 *Catequese Renovada (1983)*;

✍ n. 40 *Igreja Comunhão e Missão no mundo do trabalho, da política e da cultura*, (1988);

≈ Texto-base da Campanha da Fraternidade *Comunicação para a Verdade e a Paz* (1989).

≈ E na Coleção dos estudos da CNBB n. 72 *Comunicação e a Igreja no Brasil*, (1994).

Para agilizar os fatos e a comunicação do posicionamento da Igreja durante o regime militar, a CNBB instalou seu primeiro Telex. Para servir às rádios católicas, a Conferência produziu um *Boletim Sonoro* diário, a partir da Rádio Aparecida. Isso em 6 de setembro de 1983 a primeiro de junho de 1986 e outras rádios espalhadas pelo País.

Experiência histórica foi o *Telex* diário sobre Constituinte, de 5 de fevereiro de 1987 a 13 de outubro de 1988. Um jornalista produzia 120 linhas diárias, que duravam 30 minutos para a transmissão via *telex*. A rede para este boletim alternativo era constituída de 240 *telex* de norte a sul do País. A CNBB cadastrou seu *telex* no Serviço de Multiendereço da Embratel (Empresa Brasileira de Telecomunicações), recebendo o computador 905 de Recife para transmitir uma mensagem de 30 minutos (120 linhas) para 30 equipamentos simultâneos. Em quatro horas de *telex*, a conferência informava sobre constituinte, os movimentos populares, comunidades de base e comissões de todo o País, através de *telex* de bancos, prefeituras e transportadoras. Formou 352 boletins em dez meses de comunicação.

Desde julho de 1989 a Conferência tem fax e um segundo Telex para agilizar sua comunicação.

A partir de agosto de 1990 o boletim *Notícias*, passou a ter uma edição em espanhol e inglês, com o título *Notícias CNBB Internacional*.

Durante o ano de 1991, o Pontifício Conselho para as Comunicações Sociais, juntamente com o CELAM (Conferência Episcopal Latino

Americana), promoveu a implantação da *Rede Informática da Igreja na América Latina*.

Em 1992 em Florença, na Itália, no período de 16 de maio a 16 de junho, realizou-se um curso destinado a preparação dos representantes da Conferências e lá estava a CNBB.

EMBRATEL e assinatura do STM 400 (Sistema de Tratamento de Mensagens, conhecido como Correio Eletrônico), começou a divulgar seu boletim semanal e passou a se comunicar com o CELAM e com o VIS (Vatican Information Service). Em julho de 1994, já estão com os computadores em operação.

Hoje temos a nível de Igreja no Brasil. (cito algumas emissoras a nível de rádios: Aparecida; canção nova; excelso. E a nível de televisão Temos: Canção Nova, Rede Vida de Televisão. Em muitas dioceses já implantaram Internet e em várias comunidades existem as rádios comunitárias e a maioria das paróquias tem na torre da Matriz um serviço de som que transmite programas, informações, sempre com trilha sonora.

3.1.4. Datas Históricas da Igreja e os Meios de Comunicação no Brasil

Acontecimentos marcantes no desenvolvimento da comunicação na Igreja do Brasil:

1938 – Fundação do SIC – Serviço de Informação cinematográfica.

1952 – Fundação da CNBB.

1959 – Criação da RENECE – Rede Nacional de Emissoras Católicas.

1961 – Criação da UNCI – União Nacional de Imprensa Católica.

1962 – 1º Plano de Ação Pastoral.

1962 – Criação da Comissão Episcopal de Opinião Pública

1969 – Fundação da UCBC – União Cristã Brasileira de Comunicação Social – durante um Congresso da UCLAP. União Católica Latino-americana de Imprensa.

1973 – Fundação do CIMI – Conselho Indigenista Missionário.
 1976 – Fundação da UNDA/Brasil – União de Radiodifusão Católica
 1982 – Fundação da OCIC/Brasil – Organização Católica Internacional de Cinema.^{99[99]}
 Na década de 1980 - A fundação da PASCOM – Pastoral da Comunicação.
 2000 – Serviço de Informação Dom Hélder Câmara

Imprensa

Os MCS da Igreja pertencem, em sua maioria, a Congregações, Ordens Religiosas, e Dioceses

<i>Jornais</i>	- Diocesanos 25
<i>(semanais ou quinzenais)</i>	- Não diocesanos 10
<i>Revistas (mensais)</i>	- 35 (de circulação nacional)
<i>Boletins</i>	- Diocesanos: 200 aproximadamente
	- Paroquiais: 3000 aproximadamente
<i>Editora</i>	- 14. ^{100[100]}

Editoras Católicas

São as seguintes as Editoras que costumam reunir-se:

1. Ave –Maria	Cordimarianos
2. Cidade Nova	Focolarinos
3. FTD (Frei Teófilo Duran)	Maristas
4. Loyola	Jesuítas
5. O Recado	Instituto MEAC
6. Paulinas	Paulinas
7. Paulus	Paulinos
8. Salesiana	Salesianos
9. Santuário	Redentoristas
10. Vozes	Franciscanos
11. CPP(Centro de Pastoral Popular)	Redentoristas. ^{101[101]}

⁹⁹Cf. CNBB, Texto-base da CF 1989, op. cit. n. 53.

¹⁰⁰*Idem*, n. 54.

¹⁰¹*Idem*, n. 55.

3.2. A partir dos emissores

Requer dos emissores uma competência comunicativa na formação contínua, para continuar a missão que a Igreja confia aos catequistas. Devemos ser comunicadores eficazes da mensagem e do conteúdo que somos chamados a transmitir com fé, alegria, respeito e integridade. Todo catequista é comunicador procurando ser fiel ao Evangelho, sem dar interpretações pessoais ao conteúdo.

A fidelidade a Deus e ao homem^{102[102]} requer do catequista não só preparação nas ciências sagradas, mas também conhecimento do mundo, do contexto histórico em que o homem está inserido e das várias ciências humanas.

“A competência pedagógica, metodológica e didática. Isto possibilitará ao catequista programar sua atividade, atuar corretamente, servindo-se das técnicas e dos instrumentos de educação e aprendizagem, avaliar a própria caminhada catequética conforme os objetivos e meios programados. Faz parte desta meta suscitar nos catequistas a criatividade tão necessária para o dinamismo no qual se situa a Catequese Renovada. Também é necessário formar o catequista como comunicador, característica fundamental de sua missão”.^{103[103]}

Examinando neste caso o emissor catequista, ele não comunica coisas, fatos, verdades sobre Deus. Ele vive, junto com os catequizandos uma experiência de ser Igreja e por isso o catequista não age sozinho. Mas trabalha na comunidade e é porta-voz da Igreja. Portanto, necessita de uma preparação e formação .

¹⁰²Cf. CR, op. cit. nn. 78-81.

¹⁰³CNBB Estudos, n. 59, *Formação dos Catequistas*, Edições Paulinas, São Paulo, 1990, n. 109.

É uma responsabilidade muito grande, porque precisa comunicar para os catequizandos a sua experiência de fé. Conseqüentemente, quanto mais será coerente, mais testemunhará a sua fé. Pensamos no Apóstolo e Evangelista João, quando dirigindo-se à comunidade diz: “*Esta é a mensagem que ouvimos dele e vos anunciamos*” (1Jo 1,5); quando os discípulos de João começaram a seguir Jesus (Jo 1,35-42) quiseram saber onde ele morava. “Mestre, onde moras?” Disse-lhes: “Vinde e vede” (Jo 1,38-39). Eles foram, viram, convenceram-se, ficaram e chamaram outros. Este é o papel da comunidade catequizadora “*venham e vejam*”.

Sim, a colaboração pessoal do catequista é importante, mas deve limitar-se ao estilo de comunicar, na busca e no uso de métodos, técnicas e linguagens eficazes nas diversas situações em que se encontra. Do ponto de vista da comunicação podemos definir o catequista, animadores de comunidades de base e comunicadores, “*os repetidores criativos*”.^{104[104]}

Antes de tudo, o emissor precisa tomar consciência de que assume um papel educativo. É necessário em primeiro lugar saber o que quer comunicar e porque. A clareza dos conteúdos e o fim da comunicação, são condições essenciais da sua eficácia. Requer também estabelecer ou ter bem claro quem são os destinatários, os receptores aos quais quer comunicar algo.

O conteúdo da catequese é constituído de dois elementos fundamentais:

?? ? a Palavra de Deus, assim como Ele mesmo nos comunica na Bíblia;

?? ? o ensinamento da Igreja, o Magistério, que conserva para os homens de todos os tempos a mensagem, garantindo a sua

¹⁰⁴Cf. Giorgio AGALIATI, *Catechesi e Comunicazione*, Editrice Elle Di Ci, Leumann, Torino, 1994, pp. 26-27.

autenticidade. Não existe verdadeira catequese sem a fidelidade integral a estes dois fundamentos.

É um papel difícil que contém os seus desafios e as suas reservas. Mas o catequista é chamado hoje a ser preparado, usando as técnicas, as formas e os instrumentos da comunicação no anúncio do Evangelho.

Para que o emissor desenvolva bem o seu papel deve ter presente:

- ?? ? Qual mensagem e conteúdo quero comunicar;
- ?? ? Captar o Feedback da mensagem que está transmitindo;
- ?? ? Ser clara a linguagem não verbal, o comportamento e a conduta, os gestos, tom de voz, olhar, distância, tempo, a expressão da face;
- ?? ? Perceber quando o destinatário quer iniciar uma comunicação;
- ?? ? Escolherá um código comunicativo ou tipo de linguagem verbal: conceitual, simbólico, evocativo;
- ?? ? Organizará o conteúdo da sua comunicação com simplicidade de vocábulos para facilitar a decodificação. Em uma comunicação grupal o código e os *MCS*, vão estudados com atenção a palavra, o gesto, a mensagem, as experiências, a escrita e o audiovisual.^{105[105]}

3.3. *A partir das mensagens*

Jesus confiou aos apóstolos uma missão com uma mensagem bem definida e clara. “Ide por todo o mundo e pregai o Evangelho a toda criatura” (Mt 28,19-20). Assim sendo, a mensagem evangélica tem que ser transmitida com clareza e convicção. Como fez Paulo: “Ai de mim se não evangelizo”

¹⁰⁵Cf. Luciano MEDDI, *Educare la Fede*, lineamenti di teoria e prassi della catechesi, Editrice Messaggero di S. Antonio, Padova, 1994, pp. 244-245.

(1Cor 9,16). Esta mesma missão de anunciar com coragem a mensagem de amor, verdade, justiça a Igreja continua confiando e enviando os seus evangelizadores a transmiti-la.

Para que a mensagem seja eficaz e autêntica, é necessário que haja integração entre o anúncio e a vivência daquilo que se transmite com o testemunho de vida.

Os catequistas devem fazer ecoar esta mensagem usando todos os “canais” apropriados para chegar aos destinatários. Para transmitir necessita-se atingir as fontes eficazes para que a mensagem seja: clara, incisiva, transformadora, integrada com a vida seja de quem transmite, como de quem recebe uma mensagem.

Na mensagem temos que distinguir o que é essencial, o que é complementar e o que é detalhe sem muita relevância.

Paulo VI, falou sobre a mensagem e o conteúdo da nossa fé.

“Para a Igreja não se trata tanto de pregar o Evangelho a espaços geográficos cada vez mais vastos ou populações maiores em dimensões de massa, mas de chegar a atingir e como que a modificar a força do Evangelho os critérios de julgar, os valores que contam, os centros de interesse, as linhas de pensamento, as fontes inspiradoras e os modelos de vida da humanidade, que se apresentam em contraste com a Palavra de Deus e com o desígnio da salvação”.^{106[106]}

A mensagem se complementa com o conteúdo, não podemos esquecer que somos portadores de uma mensagem grandiosa que é o Evangelho, mas para que ela chegue aos seus destinatários é necessário definir bem os conteúdos especialmente da mensagem da catequese.

¹⁰⁶PAULO VI, EN, op. cit. n. 19.

“Em última análise o conteúdo, deve ser visto dentro e em relação ao inteiro processo educativo próprio da fé. Esta prospectiva tenta unir as tradições eclesiais com as indicações que nascem da metodologia pedagógica contemporânea e, em igual medida, com as realizações concretas de uma catequese viva”.^{107[107]}

É necessário que ao transmitir a mensagem tenha uma integração da mesma com a vida do ouvinte.

A mensagem pode ser direta (aquilo que estamos querendo dizer) ou indireta (aquilo que comunicamos sem querer, nas entrelinhas, pelo tipo de linguagem que usamos, pelo nosso jeito de ser). Pode acontecer que a mensagem indireta contrarie a mensagem direta e aí o pessoal perde a confiança na catequese.

Como arauto da palavra, o catequista deve preocupar-se sempre com a linguagem falada, escrita e icônica.

O catequista deve sempre avaliar o meio usado em função dos objetivos e da situação concreta do grupo ao qual se destina. Muito comunicador fica encantado com os recursos da tecnologia moderna e acha que cumpriu sua missão porque usou, por exemplo, lindos slides artísticos. O recurso didático (slides, cartazes, filme, música, mural e outros) não substitui a relação pessoal entre catequista e catequizando.

Procure-se com muito cuidado para que o material usado ao transmitir a mensagem não intimide o público a que se destina. Como? Muito material escrito para pessoas que não sabem ler, desanima. E preciso valorizar o Meio de Comunicação que o grupo é capaz de produzir e usar com sucesso. Vale mais o desenho simples feito pelo catequizando do que uma obra elaborada

¹⁰⁷Luciano MEDDI, op. cit. p. 215.

através da qual o catequista exhibe seus talentos, mas bloqueia a criatividade do grupo, que pode sentir-se inferiorizado.

Brincadeiras, dinâmicas de grupo, distribuição de funções entre os catequizandos, atividades de partilha comunitária, são outros tantos veículos para comunicar e vivenciar a mensagem.^{108[108]}

3.4. A partir dos destinatários

O novo DGC 1997, dedica a quarta parte aos destinatários da catequese, se presta atenção às situações bastante diferentes das pessoas às quais se dirige a catequese, à situação sócio-religiosa, e de modo especial à inculturação.

Cristo ao iniciar a sua missão revelou os seus destinatários “*o Espírito do Senhor está sobre mim, porque ele me ungiu para evangelizar os pobres; enviou-me para proclamar a remissão aos presos e aos cegos a recuperação da vista, para restituir a liberdade aos oprimidos e para proclamar um ano de graça do Senhor*” (Lc 4,16-21). O Reino de Deus é destinado a todos, para todas as categorias e pessoas: grandes e pequenos, ricos e pobres, sãos e enfermos, próximos e distantes, judeus e gentios, homens e mulheres, justos e pecadores, povo e autoridades, indivíduos e grupos. É importante que a catequese tome sempre mais consciência dessa missão recebida.^{109[109]}

¹⁰⁸ Cf. CNBB, Texto-base da CF 1989, op. cit. pp. 256-257.

¹⁰⁹ Cf. RM, op. cit. nn. 14; 23; Cf. EN, op. cit. nn. 5-50; e CT op. cit. n. 35.

“Configuram-se, assim, as linhas de uma pedagogia da fé, na qual se conjugam estreitamente a abertura universalista da catequese e a sua exemplar encarnação no mundo dos destinatários”.^{110[110]}

Saber escutar é uma competência. O destinatário, neste caso o catequizando, não é um ser passivo pronto para receber o que o catequista vai transmitir. Em catequese há um intercâmbio entre catequista e catequizando porque, na verdade, um evangeliza o outro. Deste modo, a importância do correto uso do feedback no conteúdo, me ajuda a tomar consciência de quanta eficácia teve a mensagem. É indispensável prestarmos atenção aos elementos comunicativos que nos vem do destinatário: sua expressão fisionômica, sua reação diante das atitudes do grupo, seus protestos e resistências. Ele comunica até com a sua ausência. Quando alguém não vem mais à catequese, concluímos com frase tipo: *“essa gente não quer nada”*... Requer um questionamento se a nossa comunicação funciona ou não, aproxima ou afasta?

Também nesse caso, a nossa capacidade de comunicadores entra em jogo para levar interesses para a nossa proposta catequética. Lembremo-nos que quando o “produto” na promoção é o Evangelho, o melhor incentivo é a nossa coerência pessoal e alegria de vivê-lo todo dia.

¹¹⁰DGC 1997, op. cit. n. 164.

CAPÍTULO IV

UMA CATEQUESE CADA VEZ MAIS COMUNICATIVA

4. Propostas concretas para fazer uma catequese cada vez mais comunicativa através do audiovisual

A comunicação se dá entre as pessoas, através de relações que formam um dialogo. É mais do que uma simples informação. Supõe portanto uma produção, uma missão e uma recepção de mensagens.

Para haver uma verdadeira comunicação humana, é necessário que o emissor comunique o que é e se abra ao acolhimento do outro ao ponto de se identificar com ele sem dominá-lo. A comunicação pode ser:

1. *Interpessoal*
2. *Grupal*
3. *Social.*

“A comunicação de Deus, está presente em todos os tipos de comunicação interpessoal. E informativa, se dirige aos seres humanos e ao mesmo tempo se auto-comunica. Deus informa a humanidade sobre ele mesmo, e revelando-se se manifesta com promessas, ameaças e correções: em ultima analise a comunicação de Deus é auto-comunicante porque no fundo aquilo que Deus quer verdadeiramente comunicar é ele mesmo”^{111[111]}

Na relação de vida podemos perceber a relação interpessoal, o diálogo e também a dimensão comunicativa e o seu significado para a comunicação cristã. Nesta perspectiva a revelação é o encontro que acontece entre pessoa a

¹¹¹Franz Josef EILERS, *Comunicare nella Comunità*, op. cit. p.41.

pessoa, entre um “eu” e um “tu,” aquilo que conta não é somente o que vem comunicado mas quem comunica.

A Revelação é um acontecimento de comunicação, um escutar e um responder ao mesmo tempo humano e divino. Toda comunicação humana e cristã pode ter como base de uma comunicação autêntica alguns critérios.

1. 1. A comunicação divina se prepara no silêncio e no segredo de Deus;
2. 2. A comunicação de Deus aos homens é progressiva, comunicativa e histórica;
3. 3. A auto-comunicação divina se realiza no curso da história em modo dialético;
4. 4. A auto-comunicação de Deus não alcança a sua mais plena realização na vida terrena;
5. 5. A auto-comunicação divina é pessoal;
6. 6. A comunicação de Deus, enfim, é presente em todos os tipos de comunicação interpessoal.^{112[112]}

4.1. Comunicação interpessoal

É a conversa, o diálogo, a relação verbal ou não entre as pessoas e pode ser feita direta ou indiretamente. *Direta* (face a face); *indireta* (por carta, telefone, a internet).

Neste nível de comunicação, o emissor é ao mesmo tempo receptor e vice-versa, numa dimensão dialógica e participativa. A comunicação interpessoal, consiste na relação de cada um na sua integridade humana, espiritual, física, moral, psíquica e cultural. É o processo pelo qual o

¹¹²Cf. *Idem*, p. 41.

indivíduo percebe, interpreta e dá sentido à informação que abrange todo o seu ser exterior e sua própria realidade pessoal.

Impressiona que na “*era da comunicação*” as pessoas se falam cada vez menos, se acham em situações penosas de solidão, praticamente, nos vários setores da vida, na família, na sociedade, e até mesmo na própria comunidade cristã, e nas congregações religiosas.

Pode-se notar em uma família brasileira, no horário da novela, ninguém pode dizer uma palavra. Estão horas e horas todos na mesma sala, cada qual fechado no seu mundo de ilusão.

Aqui a catequese se depara com uma realidade gritante: criar situações de diálogo, de partilha onde todos possam expressar os seus sentimentos e as suas aspirações, como também partilhar seus problemas e vitórias a nível pessoal, familiar e de grupo.

“A nossa pessoal experiência de comunicação ou de fechamento e de solidão, torna-nos atentos, cheios de esperança ou de cautelas, todas as vezes que entramos em um círculo comunicativo, ou seja em todos os momentos da nossa vida, porque o simples fato de ser corpo nos coloca em relação com o espaço e o tempo nosso e dos outros – “lugares” da comunicação. A atividade pastoral é um “lugar” privilegiado da comunicação, onde se entrelaçam a dimensão humana da escuta, da descoberta, da aceitação dos outros e aquela mais religiosa da caridade, do discernimento e da percepção da presença de Deus na realidade e nas pessoas”.^{113[113]}

Em uma verdadeira comunicação interpessoal deve ter: diálogo, escuta, respeito, acolhida, aceitação, confronto, liberdade de expressão e outros. Os componentes que facilitam e tornam capazes uma comunicação não são

¹¹³Rossana CARMAGNANI – Mario DANIELI, *Leaders nel Servizio*, Edizioni AdP, 2000, p. 64

instintivos, mas exercitados e propostos a ser vividos seja singularmente que em grupo ou em uma comunidade.

4.1.1. A comunicação grupal

Acontece numa reunião de poucas pessoas, na qual todos participam constantemente do diálogo. São emissores e receptores, todos podem trocar experiências, opiniões e sentimentos. É direito de expressão ou melhor, liberdade de expressão.

Na comunicação grupal encontramos alcances e limites. Se verifica entre os diversos grupos e pessoas na sociedade como família, bairro, grupos, que a comunicação nem sempre é verdadeiramente fraterna, igualitária, respeitadora do outro. Existem preconceitos que fazem crer na possibilidade de grupos e classes inferiores, desprezíveis, discriminados, excluídos de uma comunicação verdadeira, por razões de racismo. Falta comunicação nesse ambiente.^{114[114]}

A comunicação em um grupo é um fenômeno muito complexo. As várias maneiras de pensar, ser, agir de cada membro, requer da parte do animador, catequista ou líder uma capacidade de saber conciliar todas as opiniões, problemas, qualidades, caráter, o “astral” de cada um e a situação afetiva; para coordenar tudo isso em uma verdadeira comunicação requer habilidade e consciência por parte de quem coordena.

Em um grupo, como já foi dito, existem alcances e limites. E é normal que existam. Como também existem fatores que possibilitam o crescimento das pessoas como: dinâmicas de comunicação, jogos, partilha, gincanas em

¹¹⁴Cf. CNBB, Texto-base da CF 1989, op. cit. n. 17-18.

prol dos mais necessitados. Tudo o que favoreça solidariedade e abertura gera comunicação e relação entre o grupo e as pessoas fora do grupo.

Os limites existem, eles atrapalham o crescimento do grupo, mas pode ser um fator importantíssimo quando no conhecimento de si, cada um dos membros reconhece seus próprios limites, mas se estes levam a um fechamento, isolamento, quando não se sabe aceitar e assumir a idéia do grupo porque não é a minha, então, aqui acontece o bloqueio na comunicação grupal.

Características de um grupo:

- ?? ? Deve ter entre os membros relação e comunicação mínima entre si;
- ?? ? Existe comunhão;
- ?? ? Ter um fim ou objetivo comum;
- ?? ? Lugar de crescimento, dos valores humanos (respeito, acolhida, solidariedade, perdão, partilha e outros) e de fé (conhecimento de Jesus Cristo e dos seus ensinamentos);
- ?? ? Lugar da relação interpessoal e da fraternidade;
- ?? ? Lugar do crescimento ao compromisso ao interno do grupo, cada um é chamado a colocar a disposição do grupo seus dons e capacidades.

Mas o grupo não pode fechar o círculo da comunicação e do crescimento em si mesmo, mas é chamado a abrir-se às necessidades dos irmãos na comunidade cristã. Hoje para um grupo de jovens viver esses valores é remar contra corrente em uma sociedade na qual o individualismo e o consumismo falam mais alto. Entretanto, é uma maneira de comunicar a fé, e ser testemunha do Cristo (o que vi, ouvi e vivi no dia mundial da juventude

em Roma no ano jubilar, quase três mil jovens juntos comunicando a mesma fé e felicidade de serem cristãos pelas ruas da cidade, nos meios de transportes, nas celebrações e no fazer festa juntos. Não existia jovens divididos por nações, mas jovens cristãos que souberam viver como grupo os valores da vida e da fé).

4.1.2. A Comunicação social

É atribuída aos grandes e modernos MCS como: Televisão, rádio, cinema, imprensa, informática (internet). O emissor é uma empresa, o receptor, é o público que é massa.

A comunicação em um grupo social é uma comunicação ampla de acordo com os interesses do grupo. Uma experiência nesse nível experimentei quando fazia um programa pela “voz da cidade”. Comunicar algo que pudesse chegar aos destinatários e ser acolhida. Aqui o sentimental joga muito. Quando você conhece algumas pessoas ou realidades das famílias do bairro ou da cidade, pode dirigir-lhes uma saudação chamando por nome, dizendo-lhes uma mensagem ou de conforto ou incentivando por aquilo que é e está vivendo. Chamando à atenção dos jovens, adolescentes e crianças por algo do seu interesse.

4.2. A comunicação no anúncio

As conferências de *Puebla* e *Santo Domingo*, incentivam a uma Evangelização com novo ardor, novos métodos e novas expressões.

O anúncio da pessoa de Jesus Cristo requer esse novo vigor missionário. A comunicação é algo que constrói à realidade, isto é, algo passa a existir no momento em que é comunicada, manifestada e divulgada para outras pessoas.

Percebe-se aqui a força enorme dos Meios de Comunicação (MC) e o quanto eles influenciam na vida das pessoas. Portanto, é tarefa da catequese despertar os jovens para a importância da comunicação, pois sem comunicação verdadeira não se cria grupo, comunidade, pastoral, Igreja e uma nova sociedade.^{115[115]}

Mas não somente formar ou despertar neles uma consciência crítica diante do universo dos MCS: *“Costuma-se dizer que a juventude é a grande vítima desses meios e que eles fazem a cabeça e criam os valores do jovem. Precisa-se entender que como Meios são neutros; podem ser usados para o bem ou para o mal dependendo de quem os controla e a que interesses servem”*.^{116[116]}

Por isso é importante criar nos jovens a capacidade crítica diante dos MCS. É preciso descobrir maneiras novas para conscientizar e sobretudo para catequizar anunciando a mensagem viva e atual de Cristo Caminho Verdade e Vida. A Catequese tem como missão fazer ecoar aos confins do mundo a Boa Notícia do Evangelho: Cristo Jesus.

O que segue é uma experiência com um grupo de jovens cristãos que percorrendo o Mistério da Paixão Morte e Ressurreição de Cristo tornaram-se testemunhas para outros jovens.

¹¹⁵Cf. CNBB, Texto-base da CF 1989, op. cit. p. 284.

¹¹⁶*Idem.*

Narro uma experiência vivida com jovens em Maracás, uma pequena cidade no interior da Bahia-Brasil. Desde alguns anos os jovens procuravam anunciar a mensagem de Jesus, por meio de uma dramatização ao vivo, encenando com muito entusiasmo e dentro das capacidades artísticas de cada um, tentavam passar a mensagem. Desta vez, porém, tentaram realizar um vídeo.

O Objetivo foi ajudar a todos os emissores e receptores, as famílias dos jovens e todos os telespectadores, a viverem melhor o mistério e acolher com alegria o dom da vida nova em Cristo Ressuscitado.

A dramatização foi transmitida pela televisão local, colocando na torre um gerador de transmissão, assim todos que ligaram a televisão puderam assistir das suas próprias casas.

Foram envolvidos nesta grande e desafiadora tarefa mais de 60 jovens e alguns adultos. Trabalhamos quase três meses para realizar algo que apesar de seus limites, por ser a primeira vez, saiu ótimo.

Podemos destacar alguns pontos positivos desta experiência:

* Uma verdadeira catequese audiovisual que fascina e incentiva à participação de todos (pois todos deveriam conhecer, meditar, aprender os textos a memória, procurar entrar na vida do personagem que deveria interpretar e no momento da gravação, todos participavam dando sugestões e sendo força para aqueles que às vezes não conseguiam interpretar bem o seu papel).

* Todos nos comprometemos juntamente nesta grande ação pastoral. A grande vantagem é que quem estava pro detrás das câmeras (tinha experiência em filmagem, montagem e todas as técnicas para fazer um filme. Isso

facilitou muito), e foi de grande contribuição sobretudo porque é alguém que acredita na força do jovem e nas suas potencialidades.

* Foi grande a alegria dos pais dos jovens, por verem pela primeira vez os filhos na televisão e dos próprios jovens por ver-se projetados em uma missão bonita e desafiadora. Testemunhar a fé na televisão, gerou comunhão, oração e crescimento no conhecimento da mensagem cristã.

* Não podemos deixar de destacar a responsabilidade e a criatividade desses jovens, em procurar ao redor da cidade o local ideal para cada cena (do sermão de Jesus sobre a montanha, ao ingresso em Jerusalém, a última ceia, a paixão, o calvário, a crucifixão, o sepulcro, a ressurreição e as aparições de Jesus ressuscitado a Maria Madalena, aos apóstolos, aos discípulos de Emaús e a Tomé).

Cada cena nos fortalecia na fé e nos incentivava a continuar a gravação. Sabemos que foi uma pequena experiência neste campo, mas ajudou a crescer na comunhão, nas relações interpessoal e grupal, no respeito, na acolhida do dom do outro. As vezes revezando-se o papel dinamizava ainda mais a dramatização. No final do trabalho fizemos a avaliação e descobrimos os benefícios, como também os limites. Valeu!

4.3. A comunicação na Liturgia

A Liturgia é a comunicação da Igreja por excelência. Comunicação de toda a Igreja com Deus, e comunicação dos membros da Igreja entre eles na dimensão mais ampla e verdadeira.

Mas como integrar catequese e liturgia neste processo comunicativo da relação Fé e Vida? Na catequese e nas Comunidades Eclesiais de Base

(CEBs), quanta importância damos à liturgia como forma de comunicação e lugar de relação com Deus? Quando programamos todo o caminho da vida da comunidade e da catequese, que lugar ocupa o ano litúrgico?

A comunidade cristã é chamada a considerar a caminhada da fé e de maturação litúrgica dos seus membros. Vejamos como acompanhar os jovens nesta experiência litúrgica em uma comunidade.

*“Acolher com simpatia e confiança os jovens na vida da comunidade significa introduzi-los a descobrir e participar da fé partilhada e vivida com os outros a crescer na maturidade no sentido profundo da Igreja”.*¹¹⁷[117]
Vivendo assim os jovens perseveram na comunidade fazendo frutificar nela os dons recebidos.

Quando vivemos em comunidades assim, percebemos que a liturgia é parte vital da comunidade. Portanto é tarefa da catequese colher as dificuldades litúrgicas dos jovens e leva-los a um crescimento e conhecimento sobretudo porque catequese e liturgia são interligadas entre si. Ela favorece o crescimento na fé, nutrindo-se da Palavra de Deus, dos símbolos que se concretizam na liturgia.

Pensemos ao encontro de Jesus com os discípulos de Emaús (Lc, 24), interação entre catequese e liturgia. Comunicação da fé com palavras, gestos e símbolos (caminha, senta-se à mesa, abençoa o pão, parte), Jesus conduz à adesão a fé e realiza a comunicação do amor. Cumprindo gestos litúrgicos dentro da realidade vivida daqueles jovens. Mas concretamente a catequese

¹¹⁷Domenico SARTORE, *Liturgia*, in DIZIONARIO DI PASTORALE GIOVANILE, op. cit. p. 521-528.

introduz aos “sinais litúrgicos” através dos quais nos dá a oportunidade de participar à salvação de Cristo.^{118[118]}

A programação catequética dentro do ano litúrgico contribui muito na comunicação do mistério de Cristo. Para mim é um projeto completo a ser percorrido em qualquer fase do caminho catequético e com maior adesão e consciência na pastoral da juventude. Sobretudo quando os jovens são inseridos na animação litúrgica da comunidade, são incentivados não só a reflexão da Palavra, mas comunicando aos outros as experiências vividas para toda a comunidade, comunicando assim nas celebrações com cantos, coreografias, símbolos litúrgicos, dramatização do evangelho do domingo, comentando os textos Bíblicos com a realidade da comunidade.

A liturgia para ser comunicativa tem que ser viva, isto é, entrar na realidade do povo que celebra. Isso foi muito incentivado já a partir do Concílio Vaticano II na Constituição sobre a Liturgia *Sacrosanctum Concilium*.

A Catequese é rica de símbolos litúrgicos e a liturgia necessita da catequese para que os símbolos tenham os seus significados dentro dos encontros de catequese, como também em toda a parte mistagógica da celebração.

A linguagem simbólica, fortemente presente no material visual, exige por sua vez um trabalho de educação da sensibilidade. Não basta explicar os símbolos religiosos (vela, vinho de missa, imagens de santos etc.) como se o símbolo fosse uma espécie de língua estrangeira que se usa na Igreja. Cabe valorizar a presença do símbolo na vida cotidiana e fazer perceber que o dia-a-dia é rico em celebrações. São celebrações os aniversários, as formaturas, as

¹¹⁸Cf. *Idem*.

festas de despedida. Mas também são ritos celebrativos: a canção que os namorados elegem par ser a “sua” música, a escolha da roupa para um encontro com gente querida, a visita que fazemos à amiga que acabou de ter um bebê, a refeição partilhada, a união conjugal dos casais, as recomendações da mãe quando o filho começa a ir sozinho para a escola.... e todos os pequenos e grandes gestos que expressam mais do que as pobres palavras que temos a nosso dispor.

A consideração desses ritos humanos não entra na catequese só como motivação para chegar à explicação do símbolo religioso. Eles já são religiosos na medida em que são autenticamente humanos. Quem não tiver sensibilidade para isso vai ter sempre uma relação meio artificial como os símbolos da liturgia. Muitos acabam fracos na fé porque são superficiais na vida.^{119[119]}

A celebração Eucarística como comunicação, constitui um lugar privilegiado de formação cristã. Comunicando assim a mensagem viva da Celebração Eucarística, podemos dizer que a liturgia e a catequese são duas almas gêmeas, nesse processo de integração da fé.

Um exemplo concreto de catequese comunicativa por meio da liturgia são as celebrações nas CEBs, “*novo jeito de sermos Igreja*”^{120[120]} que celebra comunicando as lutas, dores, vitórias, esperanças, partilhas, conquistas na vida das pessoas e das comunidades. Vejamos como acontece na catequese e na animação.

¹¹⁹Cr. Therezinha MOTA LIMA DA CRUZ, *Comunicação na Catequese*, em “Revista de Catequese”, 12 (1989) n. 45, p. 16-24.

¹²⁰Cf. Leonardo BOFF, *Que significa “novo modo de toda a Igreja ser”?* Em “Revista Eclesiástica Brasileira” 49 (1989) 543-562.

?? ? Deus comunica verbalmente mas também por meio da escrita (a Palavra), do homem a Deus (a oração, o canto), do homem ao homem (homilia e as manifestações, como o abraço da paz), o silêncio como momento de intimidade profunda com Deus, ele comunica muito, não devemos temer os momentos de silêncio em uma celebração, mas proporciona-los.

?? ? Os gestos, que acompanham a comunicação verbal: todos os movimentos que o celebrante realiza sobre o altar, não é teatro, mas são ligados à necessidade de tornar claro e visível os gestos e sublinhar a sacralidade; na celebração os gestos deveriam ajudar aos fiéis a participar intensamente da liturgia. O nosso povo participa muito com os gestos, o erguer as mãos no louvor, bater palmas durante o canto, caminhar em direção ao altar no momento da oferta, pegar na mão do vizinho no momento do Pai-Nosso, o abraço caloroso, o ajoelhar-se no momento da consagração, o ficar de pé, e o sentar. Tudo tem o seu significado e a sua importância no momento da celebração.

Todos os gestos que se realizam sobre o altar da Eucaristia, envolvem todos os participantes: o protagonista é Deus, e todos nós somos o coro deste acontecimento que nos reúne. Um coro ativo, que revive o Mistério da Vida de Cristo e torna-se testemunho direto da Revelação de Deus e de Cristo.

A comunicação da liturgia em um programa de catequese e de animação oferece muitas vantagens.

?? ? Se experimenta diretamente (todo domingo, é importante que o catequista participe da celebração com os seus catequizandos e as suas famílias);

?? ? Envolve de maneira viva e dinâmica toda a pessoa traduzindo em atos de expressão e comunicação a mente e o corpo;

?? ? É um processo que se pode utilizar em todos os níveis da catequese e de animação, das crianças aos adultos, e em todos os âmbitos culturais.

?? ? Enfim, age positivamente no crescimento cultural das pessoas, favorecendo uma aproximação à realidade simbólica, e a partilha da compreensão dos mesmos.^{121[121]}

Podemos dizer que a Celebração da Eucaristia, a festa dos cristãos, é o ato completo e integral da comunicação entre Deus e o homem.

¹²¹Cf. Giorgio AGAGLIATI, *Catechesi e Comunicazione*, op. cit. pp. 87-92.

CONCLUSÃO

“No princípio era o Verbo e o Verbo estava com Deus e o Verbo era Deus. No princípio, ele estava com Deus. Tudo foi feito por meio dele e sem ele nada foi feito. O que foi feito nele era a vida, e a vida era a luz dos homens”; (Jo,1,1-4).

O tema audiovisual e catequese, mostra o quanto hoje é urgente catequizar através dos Meios de Comunicação Social. O ato criativo de Deus vem apresentado no Antigo Testamento e no Novo Testamento como um supremo ato de comunicação. Deus ama e para comunicar este amor requer um emissor e um receptor (Cristo e a humanidade).

Desde sempre Deus comunicou e continua a comunicando hoje (cf. DV 2). Diante desta descoberta, percebi o quanto é atual catequizar por meio do audiovisual. Nesta perspectiva a descoberta maior foi perceber que com o audiovisual podemos fazer uma catequese mais viva, eficaz, participativa enfim, cada vez mais comunicativa.

O trabalho descritivo e analítico me ajudou a perceber que já foram dados alguns passos a nível de Igreja em participar, em criar os próprios meios de comunicação com uma mínima participação dos que já existem. Falta ainda muita capacitação e competência de muita gente que trabalha na e com a Igreja no mundo da *Mídia*.

Necessitamos entrar e evangelizar não tanto fazendo uma Igreja eletrônica, mas desfrutar a própria Mídia para direcionar os fiéis a viver uma Igreja VIVA. Isto é o que chama Pierre Babin (especialista no mundo da comunicação) de desafio, catequizar usando os meios que a tecnologia hoje

oferece. Ele diz que “o audiovisual caracterizava um modo diferente de ser e de comunicar e a chave da nova linguagem não era mais a imagem, o som, mas a eletrônica”.^{122[122]}

Sim, continua sendo um desafio também para mim que mesmo tendo adquirido conhecimentos sobre o uso audiovisual na catequese, o desafio maior é que em várias realidades a catequese não é prioridade na pastoral e não possui os meios modernos. Reconheço que o audiovisual não é um fim mas um meio para anunciar a mensagem com coerência e eficácia na missão catequizadora da Igreja. E a partir dessa mentalidade audiovisual enriquecer a própria catequese para torna-la mais eficaz.

*“Os catequistas e a catequese têm certeza de que o bom uso destas invenções humanas trazem vida, união e maior dialogo na família e na sociedade. Queremos que estes instrumentos sejam usados por todos, não apenas pelos ricos e detentores do poder político e cultural; que não imponham uma cultura, sufocando e desrespeitando a vida, a cultura dos empobrecidos, sem voz e sem vez. Eis um desafio: democratizar a comunicação e os meios que ela usa. E que a Igreja utilize todos os meios de comunicação para que Cristo seja seguido e se realize a nova sociedade por Ele iniciada com a comunicação total de sua vida e de seu sangue”.*¹²³

¹²²Pierre Babin, op. cit. p. 7.

¹²³Bernardo CANSI, *Comunicação e Educação da Fé*, em “Revista de Catequese” n. 45 (1989), p. 5-15.

BIBLIOGRAFIA

FONTES:

A BÍBLIA DE JERUSALÉM, Edições Paulinas, São Paulo, 1985.

I. DOCUMENTOS DO MAGISTÉRIO

A. A. CONCÍLIO VATICANO II

Dei Verbum Constituição dogmática sobre a Revelação Divina Compêndio do Concílio Vaticano II, Editora Vozes, Petrópolis 1977.

Gaudium et Spes Constituição Pastoral Compêndio do Concílio Vaticano II, Sobre a Igreja no Mundo de Hoje, Editora Vozes, Petrópolis, 1977.

Inter Mirifica, Decreto Pontifício, Vaticano II, sobre os meios de comunicação Social, Editora Vozes, Petrópolis, 1988.

Lumen Gentium Constituição Dogmática, Sobre a Igreja, Compêndio do Concílio Vaticano II, Editora Vozes, Petrópolis 1977.

Sacrosanctum Concilium, Constituição, Compêndio do Concílio Vaticano II, Sobre a Sagrada Liturgia, Editora Vozes, Petrópolis 1977.

B. B. MAGISTÉRIO PONTIFÍCIOS

PIO XI, Encíclica *Vigilanti Cura*, *Gli spettacoli cinematografici*, 29 junho 1936, in EE/5, Edizioni Dehoniane, Bologna 1995.

PIO XII, Encíclica *Miranda Prorsus*, *cinema, rádio e televisão*, 8 setembro 1957, in EE/6 Edizioni Dehoniane, Bologna 1995.

PAULO VI, Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi*, Evangelho aos Homens de hoje, Editorial AO. – Braga – Portugal, 1983.

JOÃO PAULO II, Carta Encíclica *Redemptoris Missio*, sobre a validade permanente do mandato missionário, Libreria Editrice Vaticana, Città del Vaticano, 1990.

_____, Exortação Apostólica *Catequese Tradendae*, sobre a Catequese no nosso tempo, 16 de outubro 1979, Editrice Libreria Vaticana, Città del Vaticano, 1979.

_____, *Allocuzione ai membri del Consiglio Internazionale per la catechesi*: “L’Osservatore Romano” del 27 settembre 1992.

_____, “*Mass Media: Presença amiga perto de quem esta na procura do Pai*”, Mensagem pela XXXIII Dia Mundial das Comunicações Sociais, Libreria Editrice Vaticana, Città del Vaticano, 1999.

_____, *Ecclesia in America*, Esortazione Apostolica Post-sinodale, Libreria Editrice Vaticana, Città del Vaticano, 1999.

C. C. DOCUMENTOS DA SANTA SÉ

Catechismo della Chiesa Cattolica, 11 ottobre 1992, Libreria Editrice Vaticana, Città del Vaticano, 1992.

CONGREGAZIONE PER IL CULTO DIVINO E LA DISCIPLINA DEI SACRAMENTI, Istruzione *La liturgia romana e l’inculturazione* (25 gennaio 1995); AAS 87, 1995.

CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, *Diretório Geral para a Catequese*, Libreria Editrice Vaticana, Città del Vaticano, 1997.

Pontifica Commissione per le Comunicazioni Sociali, *Communio et Progressio*, Istruzione pastorale sugli strumenti della comunicazione sociale, 27 maggio 1971, in E.V. 4, EDB, Bologna, 1978.

PONTIFÍCIO CONSELHO PARA AS COMUNICAÇÕES SOCIAIS, *Pornografia e violência nas comunicações sociais, uma resposta pastoral*, 7 maio de 1989, Edições Paulinas, São Paulo, 1989.

Pontificio Consiglio delle Comunicazione Sociali, *Aetatis Novae*, Istruzione Pastorale sulle comunicazioni Sociali, 22 febbraio 1992, EDB, Bologna, 1992.

SACRA CONGREGAZIONE PER IL CLERO, *Direttorio Generale per la Catechesi*, LDC, Torino 1971.

D. D. MAGISTÉRIO DAS CONFÊNCIAS EPISCOPAIS

CELAM/PUEBLA, *Evangelização no presente e no futuro da América Latina* Conclusões da III Conferência do Episcopado Latino Americano. *Puebla* 1979, Vozes, Petrópolis, 1980.

CELAM-SANTO DOMINGO, IV conferenza generale, 12 ottobre 1992, Episcopato Latino Americano, EDB, Bologna, 1992.

CONFERENZA EPISCOPALE ITALIANA,(CEI), *Il rinnovamento della Catechesi*, Edizione Fondazione di religione Santi Francesco di Assisi e Caterina da Siena, Roma, 1988.

DECAT-CELAM, *Catequese inculturada e Comunicação*, Catequese e comunicação, “Revista de Catequese”, 74 (1996), 27-31.

SINODO DOS BISPOS, Mensagem ao Povo de Deus *Cum iam ad exitum* sobre a catequese no nosso tempo (28 de outubro de 1977), Typis Polyglottis Vaticanis, 1977.

E. E. DOCUMENTOS DA CNBB

CNBB. *Catequese Renovada*, Orientações e Conteúdo, Paulinas, São Paulo, 1983.

_____, *Comunicação para a verdade e a paz*. Texto-base da Campanha da Fraternidade de 1989, Editora Salesiana, São Paulo, 1989.

_____, *Igreja Comunhão e Missão* na evangelização dos povos, no mundo do trabalho, da política e da cultura, Paulinas, São Paulo, 1988.

_____, *Comissão de Catequese do Regional Leste 2*, em “Revista de Catequese” 84 (1998) 35-36.

_____, *Formação dos Catequistas*, Estudos, n. 59, Edições Paulinas, São Paulo, 1990.

_____, *Comunicação e Igreja no Brasil*, Estudos, n. 72, , Paulus, São Paulo, 1994.



II. ESTUDOS

AA.VV. *L'arte di comunicare*, Ed. Paoline, Roma, 1990.

AGALIATI Giorgio, *Catechesi e Comunicazione*, Editrice Elle Di Ci, Leumann, Torino, 1994.

BABIN Pierre, *Uomo nuovo cristiano nuovo nell'era elettronica*, Edizione Paoline, Roma, 1979.

_____, *La Catechesi nell'era della comunicazione*. Editrice Elle Di Ci, Leumann Torino, 1989.

_____, *Nuevos modos de comprender*, SM, Madrid 1986.

_____, *Audiovisivo*, in DIZIONARIO DI CATECHETICA, a cura di Joseph GEVAERT, Editrice Elle Di Ci, Leumann, Torino, 1986, pp. 58-61.

BOFF Leonardo, *Que significa "novo modo de toda a Igreja ser"?* Em "Revista Eclesiástica Brasileira" 49 (1989) 543-562.

CANSI Bernardo, *Comunicação e Educação da Fé*, em "Revista de Catequese" 45 (1989) 5-15.

CARMAGNANI Rossana – DANIELI Mario, *Ser para o outro*, Loyola, São Paulo, Brasil, 1993. (Texto original *Uomini per gli altri*, ESUR) –(Messina, Italia, 1990).

_____, *Leaders nel Servizio*, Edizioni AdP, 2000.

CARNICELLA Maria Cristina, *Comunicação ed Evangelização nella Chiesa*, Paoline, Milano, 1998.

Commissione Audiovisivi dell'Ufficio Catechistico di Bergamo.

COMUNICARIO, mezzo didattico e loro utilizzo nella catechesi, EDB, Bologna, 1994.

COLOMBERO Giuseppe, *Dalle parole al dialogo*, Edizione San Paolo, Cinisello Balsamo, Milano, 1988.

ESCALERE FERNANDEZ Maximiano, *A Comunicação Audiovisual* In NUEVO DICCIONARIO DE CATEQUÉTICA a cura de: V. Ma. PEDROSA, Ma. NAVARRO, R. LAZARAO, J. SASTRE, Vol. I, San Pablo, Madrid, (1999), 459-475.

- EILERS Franz Josef, *Comunicare nella comunità*, Editrice Elle Di Ci, Leumann, Torino, 1997.
- EILERS Franz Josef - GIANNATELLI Roberto, (a cura di), *Chiesa e Comunicazione Sociale*, I Documenti Fondamentali, Editrice Elle Di Ci, Leumann, Torino, 1996.
- FERNANDES DE OLIVEIRA José, (Pe. Zezinho). A experiência de Comunicar, série: (ESTUDOS COMEP: Comunicação Edições Paulinas, Audio-Vídeo, São Paulo).
- FEIFEL Erich, *Simboli Religiosi*, in DIZIONARIO DI CATECHETICA, a cura di Joseph Gevaert, Elle Di Ci, Leumann Torino, 1986, 583-586.
- GARCIA Lara, *Fotografia*, in DIZIONARIO DI SCIENZE E TECNICHE DELLA COMUNICAZIONE, a cura di Angel BENITO, Edizioni San Paolo, Cinisello Balsamo Milano, 1996, pp. 441-447.
- GATTI Guido, *Corporeità*, in DIZIONARIO PASTORALE GIOVANILE, a cura di Mario MIDALI – Riccardo TONELLI, Elle Di Ci, Leumann Torino 1989, pp. 175-181.
- MARTINI Carlo Maria, *Effatà "Apriti"*, Centro Ambrosiano, Milano, 1990.
- _____, *Il Lembo del Mantello*, Centro Ambrosiano, Milano, 1991.
- MEDDI Luciano, *Educare la Fede*, lineamenti di teoria e prassi della catechesi, Editrice Messaggero di S. Antonio, Padova, 1994.
- MOTA LIMA DA CRUZ Therezinha, *Comunicação na Catequese*, em "Revista de Catequese" 45 (1989) 16-24.
- MURA Le Grazia, *Comunicare: dal cuore alle mani*, Edizione Paoline, Milano, 1999.
- PELLEGRINO Pino, *Il Teleuomo*, Elle Di Ci, Leumann, Torino, 1996.
- PERUZZOLO Adair Caetano, *Comunicação e Cultura*, Livraria Sulina Editora, Porto Alegre, Sulina, 1972.
- PESSINATTI Luiz Nivaldo, *Políticas de Comunicação da Igreja Católica no Brasil*.
- PIGHIN Claudio, *Missione e Comunicazione*, EMI. Bologna 1998.
- PIGHIN Claudio – PINTO Jax Nildo, *Homilética e Comunicação*, Salmão Laredo Editora, Belém – Pará, 2000.
- POMBO Kipoy, *Chi è l'uomo*, Benedettine Editrice – Parma, 1999.

RECTOR Mônica – NEIVA Eduardo, *Comunicação na era pós-moderna*, Editora Vozes, Petrópolis, 1997.

SANTORO Luiz Fernando, *A imagem nas mãos*, Summus Editorial, São Paulo, 1989.

SANTOS Emil, *Comunicazione*, in DIZIONARIO PASTORALE GIOVANILE, a cura di Mario MIDALI - Riccardo TONELLI, Elle Di Ci, Leumann, Torino, 1989, 163-174.

SARTORE Domenico, *Liturgia*, in DIZIONARIO PASTORALE GIOVANILE, a cura di Mario MIDALI - Riccardo TONELLI, Elle Di Ci, Leumann, Torino, 1989, pp.521-528.

SARTORE Domenico, *Segno/Simbolo* in NUOVO DIZIONARIO DI LITURGIA, a cura di Domenico SARTORE–TRACCA M. Achille, Edizioni Paoline, Roma, 1984, pp. 1370-1381.

TEIXEIRA Nereu, *Comunicação Libertadora*, Edições Paulinas, São Paulo, 1983.

GRUEN Wolfgang, *Novos tempos interpelam nossa Catequese* em “Revista de Catequese” 89 (2000) 42-48.

_____, *Linguagem e libertação na catequese*, em “Revista de Catequese”, 25 (1984) 17-30.

SIGLAS E ABREVIATURAS

AAS	Acta Apostolicae Sedis.
AG	Ad Gentes
AT	Antigo Testamento
AA.VV	Autores Vários
Bar	Baruc
CAP	Capítulo
CELAM	Conferência Episcopal Latino Americana
CETA	Centro de Treinamento e Produção Audiovisual
CEBs	Comunidades Eclesiais de Base
CEI	Conferenza Episcopale Italiana
CD	Compacto Disco
CF	Campanha da Fraternidade
CIMI	Conselho Indigenista Missionário
CIC	Catecismo da Igreja Católica
CLAVE	Centro de Linguagem Audiovisual para a Comunicação
CM	Comunicado Mensal
CNBB	Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
Cor	Coríntios
Col	Colosenses
CP	Communio et Progressio
CRB	Conferência dos Religiosos do Brasil
CR	Catequese Renovada
CT	Catechesi Tradendae
DECOS	Departamento para a Comunicação Social
DCG	Diretório Catequético Geral
DGC	Diretório Geral para a Catequese
DV	Dei Verbum
EA	Eclésia in América
Ed	Edição
EMBRATEL	Empresa Brasileira de Telecomunicações
EN	Evangelii Nuntiandi
EV	Enchiridion Vaticanum
EE	Enchiridion Encicliche
Ex	Êxodo
Gen	Gêneses
GS	Gaudium et Spes
IM	Inter Mirífica
Jo	João
LG	Lumem gentium
Lc	Lucas
Mc	Marcos

Med	Medellín
Mt	Mateus
MCS	Meios de Comunicação Social
NT	Novo Testamento
OCIC	Organização Católica Internacional de Cinema
Op. Cit.	Obras Citadas
PASCOM	Pastoral da Comunicação
RENEC	Rede Nacional de Emissoras Católicas
RM	Redemptoris Missio
P	Puebla
REB	Revista Eclesiástica Brasileira
SC	Sacrosanctum Concilium
SD	Documento do CELAM – Santo Domingo
SIC	Serviço de Informação cinematográfica
SPAC	Instituto Superior de Pastoral Catequética
STM	Sistema de Tratamento de Mensagens
Tim	Timóteo
UCBC	União Cristã Brasileira de Comunicação Social
UCLAP	União Católica Latino-americana de Imprensa
UNCI	União Nacional de Imprensa Católica
UNDA	União de Radiodifusão Católica
VIS	Vaticam Information Service
Vol	Volume

ÍNDICE

Agradecimentos	2
Introdução	4
CAP. I	
A ESCOLHA	
1. O Por quê da escolha	6
1.1. O que é o audiovisual	13
1.2. Porque o audiovisual	15
1.3. Comunicação e catequese	16
1.4. Como traduzir e aplicar concretamente este esquema na catequese	20
CAP. II	
O AUDIOVISUAL	
2. A Gramática do audiovisual	23
2.1. O que se entende por gramática audiovisual	24
2.2. As linguagens da comunicação	29
a) Os sinais e os símbolos	34
b) O corpo	39
c) O canto e a música	47
d) A foto	52
e) A técnica e o material	55
2.3. O audiovisual na catequese	57
2.3.1. O audiovisual no Brasil	62
CAP. III	
A MENTALIDADE AUDIOVISUAL	
3. Hoje como entender a mentalidade audiovisual	66
3.1. A partir da Igreja	68
3.1.1. Os documentos Pontifícios Conciliares	70

3.1.2. Documentos da América Latina	74
3.1.3. Os Documentos da CNBB	75
3.1.4. Datas Históricas da Igreja e os Meios de Comunicação no Brasil	78
3.2. A partir dos emissores	80
3.3. A partir das mensagens	82
3.4. A partir dos destinatários	85

CAP. IV

UMA CATEQUESE CADA VEZ MAIS COMUNICATIVA

4. Propostas concretas para fazer uma catequese cada vez mais comunicativa através do audiovisual	87
4.1. Comunicação interpessoal	88
4.1.1. A comunicação grupal	90
4.1.2. A comunicação Social	92
4.2. No anúncio	92
4.3. Na Liturgia	95

Conclusão	101
------------------	-----

Bibliografia	103
---------------------	-----

Siglas e Abreviaturas	109
------------------------------	-----

Índice	111
---------------	-----

AUDIOVISIVO E CATECHESI

La scelta del tema

Dal 1989 mi affascina lo studio e la riflessione sulla comunicazione, per scoprire la ricchezza presente in questo campo vasto e pieno di sfide. “Catechizzare è comunicare”, ci dice il documento dei vescovi in Brasile nel documento *CATECHESI RINNOVATA*; comunicare è amare; e chi ama comunica. Pertanto l’amore per la Catechesi e per la comunicazione sono cresciuti dentro di me e mi sono resa conto di quanto ero lontana dal conoscere bene tutta questa realtà.

Poiché il mondo della comunicazione é vastissimo, ho dovuto limitarmi a un tema determinato: *AUDIOVISIVO E CATECHESI*. Lo studio mi ha fatto prendere consapevolezza della necessità di formarmi per formare. Approfondire questo tema ha dato risposta a tanti interrogativi che mi interpellano nell’evangelizzazione, soprattutto nella catechesi, nella liturgia e nelle comunità di base, dove la maggioranza delle persone non hanno avuto la possibilità di studiare.

Mi sono resa conto che nell’ambito della comunicazione si richiede una maggiore attenzione soprattutto nella formazione degli agenti: catechisti, religiosi, e fedeli.

Ho visto che per comunicare non basta la comunicazione verbale, ma ho scoperto che tutto il nostro essere è comunicazione. Questa coscienza, crescendo a poco a poco, mi ha messo in crisi quando mi sono ritrovata con i miei limiti nella comunicazione, sia nel linguaggio sia nel saper adoperare i mezzi audiovisivi.

Il perché della scelta é quindi chiaro:

come agente di pastorale, religiosa e catechista, è nata in me l’interesse per migliorare, nella catechesi, il modo di comunicare e far diventare comune un’esperienza per mezzo di suoni, immagini, gesti e sguardi, che traducono per l’altro la mia esperienza personale e comunitaria.

Questo tema è attualissimo e di molta importanza, e infatti anche nel recente concistoro si è parlato di questa sfida. Soprattutto nella catechesi rinnovata diventa indispensabile l'uso dei mezzi audiovisivi e di comunicazione. La Chiesa è chiamata a formare i catechisti con una formazione solida e comunicativa, favorendo la capacità di conoscere il processo comunicativo con il suo linguaggio, strategia e tecniche, con un'adeguata preparazione.

Da parte mia ho scelto l'audiovisivo per questi motivi:

?? ? Perché è un mezzo che raggiunge e interessa la grande parte della realtà brasiliana.

?? ? Perché può sollecitare la creatività e spinge a realizzare il proprio video catechistico, con temi come musica, danza, gesti e messaggi verbali o soltanto con l'immagine, tenendo conto della realtà concreta dei catechizzandi.

?? ? Perché favorisce una visione partecipativa, che può suscitare dialogo e condivisione da parte di chi vede.

Un'altra motivazione forte è la possibilità che questi mezzi oggi danno per catechizzare restando "fedeli a Dio e all'uomo" nell'evoluzione del suo sviluppo globale.

Il tema audiovisivo e catechesi, fa vedere quanto oggi è urgente catechizzare per mezzo dei Mezzi di Comunicazione Sociale. L'atto creativo di Dio viene presentato nell'Antico Testamento e nel Nuovo Testamento come un supremo atto di comunicazione. Dio ama e per comunicare il suo amore ha voluto aver bisogno di un'emittente e un ricevente (Cristo e l'umanità).

Da sempre Dio ha comunicato e continua a comunicare oggi (Cf. DV 2). In questa prospettiva la scoperta maggiore è quella di percepire che con l'audiovisivo possiamo fare una catechesi più viva, efficace, partecipativa, infine, sempre più comunicativa.

Lo sviluppo del tema

Il presente lavoro comprende quattro capitoli, più una introduzione e una conclusione.

Nel primo capitolo, cerco di dare le motivazioni della scelta fatta, mostrando le difficoltà e le sfide che troviamo nella pastorale dinanzi ai mezzi, molte volte per mancanza di preparazione e di formazione dei catechisti e degli agenti pastorali, riguardo ai mezzi audiovisivi.

Nel secondo capitolo, considero l'importanza dell'audiovisivo nella catechesi e alcune forme di linguaggio che possono essere più usate nella catechesi e nell'evangelizzazione, per rendere vivo, efficace e affascinante il messaggio del Vangelo, trasmesso all'uomo del nostro tempo.

Nel terzo capitolo, presento il percorso storico che la Chiesa ha fatto nell'ambito della comunicazione evidenziando il decreto *Inter Mirifica* del Concilio Vaticano II, *l'Evangelii Nuntiandi* di Paolo VI, la *Catechesi Tradendae* di Giovanni Paolo II, e i *Direttori per la Catechesi* del 1971 e 1979. Considero inoltre i principali testi magisteriali redatti nell'America Latina e nella realtà brasiliana, che puntualizzano l'importanza dei mezzi di comunicazione sociale nell'evangelizzazione e nella catechesi.

Nel quarto capitolo, cerco di vedere, come i mezzi di comunicazione nella realtà concreta della catechesi, stabiliscono una relazione diretta con le persone e favoriscono la realizzazione di una catechesi sempre più comunicativa, che possa raggiungere la vita di chi partecipa.

La Metodologia dello studio

Il lavoro descrittivo e analitico mi ha aiutato a prendere consapevolezza che già ci sono stati dei passi a livello ecclesiale per partecipare e creare propri mezzi di comunicazione, con una minima partecipazione in quelli che già esistono.

Manca ancora un'adeguata preparazione e competenza di molta gente che lavora nella e con la Chiesa, nel mondo dei Media.

Abbiamo bisogno di entrare nel mondo telematico per evangelizzare non tanto facendo una Chiesa elettronica, quanto usufruendo dei Media propri per dirigere i fedeli a vivere in una Chiesa viva.

I limiti

Cosciente che il mondo della comunicazione è molto ampio e complesso, riconosco che questo lavoro ha molti limiti: è mancata l'analisi di un audiovisivo in cassetta di video e anche l'analisi della costruzione e realizzazione tecnica di un filmato; però è stato gratificante e arricchente approfondire questo tema. Adesso sono convinta che posso iniziare una ricerca più accurata.

Le conclusioni

Ho scoperto quanto sono lontana da questa realtà e mi accorgo dell'urgenza di conoscere il mondo della comunicazione e i suoi processi per essere testimone della Buona Novella.

Continua ad essere una sfida anche per me che, anche avendo un po' più di conoscenza su questo tema, mi rendo conto che in varie realtà la catechesi non è priorità nella pastorale e non possiede i mezzi moderni per raggiungere la gente. Riconosco che l'audiovisivo nella missione catechizzatrice della Chiesa non è il fine, ma un mezzo per annunciare il messaggio con coerenza e efficacia; partendo da questo punto di vista, l'audiovisivo arricchisce la catechesi per farla più penetrante.

Concludo con il pensiero di un grande catecheta e comunicatore brasiliano, Frei Bernardo Cansi, molto caro alla Chiesa e anche a me.

“ Il buon uso di queste invenzioni umane porta vita, unità e maggior dialogo nella famiglia e nella società. Vogliamo che questi strumenti siano adoperati da tutti, non soltanto dai ricchi e detentori del potere politico e culturale; che non impongano una cultura, soffocando la cultura degli oppressi, senza voce e senza diritto. Ecco una sfida: democratizzare la comunicazione e i mezzi che essa adopera. E che la Chiesa adoperi tutti i mezzi di comunicazione perché Cristo sia seguito e si realizzi la nuova società da Lui iniziata con la comunicazione totale della sua vita e del suo sangue”.

Ringraziamenti

Ringrazio tutti coloro che direttamente o indirettamente hanno contribuito, alla mia crescita nel percorso di questi quattro anni di studio, ricerca e approfondimento. Ai professori che hanno orientato la mia ricerca, Claudio Pighin e Antonio Bollin, un grazie speciale per avermi orientato con i loro suggerimenti ed il valido sostegno. Ringrazio i miei familiari, la Famiglia Religiosa, gli amici e compagni che mi sono stati vicini nei momenti belli e in quelli difficili. Grazie di cuore!